

121
Ethnographia

.. Americana

O exercicio da Medicina

entre

os indigenas da America

PELO

Dr. Edgard Roquette Pinto

(Do Musêu Nacional)

572.8
R 786
lx. 2

Not for edit. new

THESE

*572
R/786*

ETHNOGRAPHIA AMERICANA

*O exercicio da Medicina entre os indigenas
da America*

THESE

DO

Dr. Edgard Roquette Pinto

NATURAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

(25 de Setembro de 1884)

*Filho legitimo de Josephina Roquette Carneiro de Mendonça
e de M. Menelio Pinto*

Assistente (por concurso) do Muséu Nacional. Ex-socio, secretario e presidente do Gremio dos Internos.
Ex-interno de clinica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

(Anno escolar de 1905)



RIO DE JANEIRO

E. BEVILACQUA & C. — Rua do Ouvidor, 151

Officinas da «Renascença»

1906

1914
572.97
R 786 ex 2

572.897
~~R 786~~
ex 2

P. 659
R 786

OR
572.897
R 786
ex 2

MUSEU NACIONAL
BIBLIOTECA

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

DIRECTOR — Dr. Luiz da Cunha Feijó Junior.
 VICE-DIRECTOR — Dr. Cypriano de Souza Freitas.
 SECRETARIO — Dr. Eugenio do Espirito Santo de Menezes.

LENTES

Drs. :

Tiburcio Valeriano Pecegueiro do Amaral.	Chimica medica.
Antonio Teixeira do Nascimento Bittencourt.	Historia natural medica.
Ernesto de Freitas Crissiuma.	Anatomia descriptiva.
Eduardo Chapot Prevost	Histologia.
Antonio Maria Teixeira.	Physiologia.
	Materia medica, pharmacologia e arte de formular.
Rodolpho Galvão.	Bacteriologia.
Pedro Severiano de Magalhães.	Pathologia cirurgica.
Augusto Brant Paes Leme.	Anatomia med-co-cirurgica.
Domingos de Goes e Vasconcellos	Operações e apparatus.
Antonio Augusto de Azevedo Sodré.	Pathologia medica.
Cypriano de Souza Freitas.	Anatomia e physiologia pathologicas.
Henrique Ladislau de Souza Lopes.	Therapeutica.
Luiz da Cunha Feijó Junior	Obstetricia.
Ernesto do Nascimento Silva.	Medicina legal e toxicologia.
Benjamin Antonio da Rocha Faria.	Higiene.
João da Costa Lima e Castro	Clinica cirurgica — 2ª cadeira.
Luiz da Costa Chaves Faria	Clinica dermatologica e syphiligraphica.
Miguel de Oliveira Couto	Clinica propedeutica.
Marcos Bezerra Cavalcanti.	Clinica cirurgica — 1ª cadeira.
Erico Marinho da Gama Coelho.	Clinica obstetrica e gynecologica.
José Antonio de Abreu Fialho.	Clinica ophthalmologica.
José Benicio de Abreu.	Clinica medica — 2ª cadeira.
João Carlos Teixeira Brandão.	Clinica psychiatrica e de molestias nervosas.
Candido Barata Ribeiro.	Clinica pediatrica.
Nuno de Andrade.	Clinica medica — 1ª cadeira.
João Martins Teixeira.	Em disponibilidade.
Antonio Rodrigues Lima	

SUBSTITUTOS

Drs. :

Luiz Antonio da Silva Santos.	1ª Secção.
Antonio Dias de Barros.	2ª »
Oscar Frederico de Souza	3ª »
	4ª »
Francisco de Paula Valladares.	5ª »
Pedro de Almeida Magalhães.	6ª »
	7ª »
Augusto de Souza Brandão.	8ª »
Francisco Simões Corrêa.	9ª »
	10ª »
	11ª »
Marcio Filaphiano Nery.	12ª »

N. B. — A Faculdade não approva nem reprova as opiniões emitidas nas theses que lhe são apresentadas.

BIBLIOTECA NACIONAL

BIBLIOTECA

642 30/9/68

ref. recet.

NS 190236

NOTA

Na revisão d'este trabalho passaram alguns erros graphicos
que o leitor facilmente corrigirá.

As distincto amys
e huan callejo
Alberto Sampaio com
muito sympathia off.

^o Rafael Sampaio

Maria de 1906

The distance
is less
than
the
amount

of

the

Á
MINHA QUERIDA MÃE

E Á

MEUS QUERIDOS AVÓS

Anna Roquette Carneiro de Mendonça

E

João Roquette Carneiro de Mendonça

Á Esses que me não deixaram
fenecer o coração e a alma, que têm
procurado alegrar a minha mocidade
e dirigir o meu espirito, as primicias
do meu esforço.

A
MEU PAE

Em memoria dos venturosos
dias da minha infancia.

A

MINHA QUERIDA TIA

Angelina Roquette de Mendonça Taylor

A quem devo carinhos de mãe.

AOS MEUS MUITO QUERIDOS PRIMOS

*Dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello e S. Exma.
Senhora*

O nosso parentesco é um feliz episodio
na minha funda e grata amizade.

A

MEU BONDOSO E QUERIDO AMIGO

Dr. Alfredo Ellis e á S. Exma. Senhora

Eu traduzo o sentir de toda a minha
familia traçando esses nomes entre os dos
meus parentes amigos que me são mais
caros

A

MEU QUERIDO AMIGO E MESTRE

Dr. João Pedro de Aquino

Testemunho a maior gratidão pela
nimia bondade que nos tem dispensado :
a mim e a meu irmão.

I
PARTE DESCRIPTIVA

MOLDANDO-SE ás condições dos mais diversos meios, a especie humana não procurou a vida só nas regiões verdejantes de uma media latitude; buscou tambem os gêlos eternos dos páramos polares. Lapões, Samoyedes, Finnezes, Tunguzes e Tchouktchis escalam-se pelas costas arcticas do chamado antigo continente; e se vem ligar aos Eskimós, que vivem, entre os mesmos parallellos, em terras do novo mundo.

Esse nome — *Eskimó* — serve de appellativo generico á todos os hyperboreos; e nasce de duas raizes abenaquis: *eski* e *mantik* que significam: « comedor de carne crua » ⁽¹⁾.

Os hyperboreos se dividem em *Innuítas* ou *Eskimós propriamente ditos*, que habitam as costas da Groënlandia e o littoral arctico da America; *Koniagas*, que se espalham pela ilha Kadiak e peninsula de Alaska; *Aleutas* que vivem nas ilhas do archipelago d'esse nome; *Thlinketos*, disseminados pelo littoral do Pacifico, do

(1) Charlevoix — Hist. de la Nouvelle France.

monte S. Ellias ao rio Nass; *Tinnchs*, entre este e a bahia de Hudson.

Assim se constitue o primeiro grupo dos povos americanos indigenas.

A mesma physionomia ethnica liga as unidades d'esse grupo: os Eskimós, em todo o mundo, não têm iguaes; são typicos.

Seu grau de cultura toca os infimos limites do estado fetichico; e elles representam, na opinião de estudiosos anthropologos, os sobreviventes do povo primitivo americano, que foi ganhando o Norte em busca do meio gélido, seu predilecto.

Em quanto Bessels, por fallazes deducções hauridas nos elementos nullos e pretenciosos da craniometria illogica, procurou identificar os Eskimós aos *Mound-Builders* da America do Norte, Abbott ⁽²⁾ e Mortillet ⁽³⁾ guiaram-se por noções de outro estofo; e estabeleceram que os hyperboreos são os descendentes directos do homem paleolithico.

Cavernas da época Magdalénica, periodo archeolithico, forneceram objectos que misturados aos de uso eskimó, d'elles se não puderam separar.

Os Innuitas vivem em pleno dominio patriarchal. Algumas vezes escolhem um chefe que se soube impor n'esta ou aquella façanha; e isso quando a tribu necessita uma direcção geral: na organização de uma caçada ou pesca, na luta contra a fome.

Este chefe não tem autoridade que vá além do fim material para que o escolheram.

O sacerdocio não existe; nem a função medica, especializada ou absorvida n'elle.

(2) American Naturalist. — 1877.

(3) Bulletin de la Societé Anthropologique — 1883.

Os doentes são collocados ao nivel dos velhos, logo abaixo das crianças; representam individuos de conservação custosa para quem já tanto luta no manter a propria subsistencia.

Por isso o infanticidio é commum; mas os velhos perdem a vida primeiro, quando se trata de escolher entre boccas inuteis.

Os cuidados ao enfermo são dados pelas mulheres da tribu; todas, em côro, cantam o *Aya*; hymno poderoso, que desencanta o soffredor e o livra de seu mal.

As mais velhas poem sob a cabeça do doente um seixo, de tamanho variavel com a gravidade supposta da molestia; e todas as manhãs essa pedra é sopesada, emquanto murmuram palavras de mysterio interrogando-a sobre o estado do paciente.

Si a pedra cresce em peso dia a dia, é que a morte se aproxima; dão-no por desenganado.

Constroem uma cabana de blocos de gelo: forram-na de pelles, e ali collocam uma lampada, alimentada pelo oleo de phóca.

N'essa cabana recebem os parentes a ultima vontade e o derradeiro adeus do que vae morrer.

A despedida é curta; si durante ella dá-se o desenlace, os assistentes perdem, por impuros, os trajes que tão custosamente fabricaram com o intestino da phóca e o couro do urso.

O ultimo dos parentes a sahir, bloqueia a porta do tumulo gelado; e assim fica, entregue ao proprio soffrer, mal excitado pelos raios tremulos d'uma lampada que tambem agonisa, o triste filho do gelo, que no amago d'elle espera o frio da morte.

Os Tchouktchis, que vivem no littoral da America Russa e se extendem pelas regiões arcticas da Asia, tratam os doentes de modo mais expedito.

Ninguem pôde, impune, permanecer assim por mais de uns tantos dias.

No fim do tempo concedido, os parentes, depois de serias admoestações, passam uma corda ao pescoço do enfermo; e obrigam-no á uma certa corrida. Ao cabo de algum tempo d'esse exercicio, o misero declara-se curado. Quando tal se não dá, continuam em tão exquisita therapeutica; até cahir morto o desgraçado ⁽⁴⁾.

Os mais valentes, ao sentir os primeiros signaes da molestia, reúnem os amigos n'um banquete de adeuses; ao terminar, os convidados se retiram; e um, mais dedicado, se incumbem da piedosa tarefa que é fazer entrar o amphytrião no somno de uma boa morte.

Os velhos que adoecem são tratados de outro modo. Sobre um leito de musgos regado pelo sangue tépido de uma renna ou de um cão, o enfermo é sangrado pela carotida e por uma das veias do ante-braço.

A operação é praticada pelos notaveis, feiticeiros, ou pelas mulheres, quando o morto é de posição inferior.

A medicina, entre os Innuitas, é puramente assassina, como se vê.

As condições de escassa alimentação concorrem para que os meios de eliminação augmentem; ella, que procura sempre conservar, tem uma applicação negativa entre elles.

N'outros povos, as reacções do moral sobre o physico são, ás vezes, sabiamente aproveitadas pelo sacerdocio, investido da função de curar; os Innuitas são totalmente indifferentes á esse meio.

Elles se regem pelo instincto da conservação individual, em descaso de qualquer outro. Os visitantes, todos, que lá têm aportado, accordam-se em fazer ver a voracidade que impera nas

(4) Reclus — Les primitifs.

terras hyperboreas. Manducar é a noção suprema; e é a mais egoista.

A medicina tem o seu fundo real no altruismo; por isso não podia ter nascido n'essa sociedade, em que a evolução mental não chegou ao ponto de lhe poder dar surto.

O frio obriga os Innuitas ao uso da gordura como enducto protector da pelle.

Ainda como praticas cirurgicas usam a perfuração do labio inferior, feita com uma penna; e a tatuagem, obtida pela punção.

O desaceio entre elles toca o limite do inverosimil; e produz dermatoses que os autores descrevem mal.

A fumaça mal se escoa das habitações, servidas por uma estreita abertura; causa opthalmias terriveis, mantidas pela acção da luz, reflectida pelo gelo.

Na caça e na pesca usam, por isso, de antolhos protectores, feitos de couro fino.

Os Koniagas perfuram a face ainda com mais habilidade que os Innuitas.

Menos pacificos, conhecem o uso dos arcos e das flechas, que envenenam com a raiz do aconito macerada em agua⁽⁵⁾. Elles praticam o infanticidio pela axphixia; introduzem uma porção de musgos na bocca da creança e assim a abandonam.

O banho tépido é usado largamente. Aquecem a agua lançando-a sobre pedras quentes, postas no fundo de uma cóva especial.

A urina fermentada, com que se esfregam, dissolve a gordura que lhes cobre a pelle; é o sabão nacional.

(5) Bancroft — Native Races.

O *Shaman* desempenha, entre os Koniagas, a função de medico-sacerdote; é auxiliado nesse mister por homens e mulheres.

D'esses ajudantes, os mais cotados são os *Kaseks* ⁽⁶⁾.

A molestia é a posse do organismo por um mau espirito; o *Shaman*, e sua comitiva, fal-o-hão sahir do corpo atacado pelo som de seus tambores; e pelas vozes do côro medicinal que as mulheres entoam.

Si essas praticas não parecem dar resultados; si o mau espirito persiste apezar da musica e do barulho, o *Shaman* atira-se subito sobre o doente, que aperta nos braços, enquanto a assistencia atesta que o mau espirito se foi; medroso, talvez, das garras do doutor ⁽⁷⁾.

Bancroft accrescenta: « *If the patient recovers, the physician is paid, otherwise he receives nothing* ».

A praxe Koniaga manda que se appelle para o *Shaman* só nos casos extremos; o repouso é o principal meio therapeutico de que se servem, nos casos morbidos communs.

Praticam a sangria frequentemente, com uma agulha de cobre ou faca de cristal.

A tísica e a syphilis são as suas molestias principaes.

A gordura do castor é por elles usada contra o rheumatismo.

O corpo dos chefes é embalsamado com musgo.

Entre os Aleutas o poder temporal é exercido por um *Toyan*, chefe electivo, que dirige e governa os moradores de um mesmo *Kashim*. Este nome é o de uma habitação commum, sorte de phalansterio, onde reina a promiscuidade entre vivos e mortos; porque si um fallece, é enterrado no proprio chão em que dormiu o somno dos vivos.

(6) Lisianky — Voyage — pag. 208.

(7) Bancroft — Native Races pag. 85.

O calor provocado pelo ajuntamento de tanta gente n'um pequeno espaço é tal, que se despem : homens e mulheres.

O banho quente é ainda aqui em largo uso; o sabão é substituído do modo já citado.

A urina fermentada goza fama de alto valor hygienico; e nas regiões polares o seu uso é grande.

Mas entre os povos selvagens em geral, esse mesmo não é menor ⁽⁸⁾.

A pintura de que se cobrem os Aleutas, é antes um elemento de defesa contra o frio, que agente de vaidade embelezadora.

Para proteger os olhos, usam os Aleutas de chapéus especiaes, que Réclus compara aos que Daumier dava aos Academicos e membros do Instituto de França.

A mulher que chega á epoca da puberdade, submete-se a um certo regimen; diminuem-lhe a alimentação.

Para que os seus olhares, impuros transitoriamente, não venham polluir as outras e enguiçar a luz solar, prendem-na em gaiolas de vime.

A direcção espiritual é confiada ao *Angakok*.

Ser *Angakok* é possuir a honra maxima á que possa aspirar um cerebro Aleuta. Mas não basta o desejo; requer-se uma vocação firme, e um temperamento especial.

Aquelles que entraram para a sagrada caterva, escolhem cuidadosamente os seus discipulos entre jovens de ambos os sexos. Muitas vezes, antes do parto, já o nascituro foi marcado para o ministerio sagrado.

Então, pae e mãe do embryonario *Angakok* tomam sobre hombros a missão de bem preparal-o. Jejuam prolongadamente; escolhem a alimentação, e pedem a assistencia dos espiritos pathiarchaes junto ao proximo filho.

(8) Burke — Uses of human urine.

Nascida a creança, banham-na na urina; a agua santa da terra, na phrase de Réclus.

A iniciação é complicada.

O affastamento, no silencio da solidão, deve ser o meio principal que ha de despertar a elaboração do predestinado; só assim conseguirá ouvir as vozes espirituaes, que lhe hão de ensinar os mysterios dogmaticos.

Aos do povo se permite a gula sem peias; aos eleitos, não. A temperança faz calar o corpo, e assim melhor o aprendiz ouvirá as vozes do espirito; que ellas transmittem os ensinios que os avoengos levaram para a cova, esperando que o noviço chegasse, para os vir então contar.

Em tudo, elle crê ouvir essa funebre narração. No voar de uma ave, no latir de um lobo, no estalar do gelo ou no sibillar da ventania, o futuro Angakok descobre uma idéa de alem tumulto que a natureza traz á seus ouvidos, expressa n'esses factos.

De uma tal posição mental nascem graves desordens cerebraes, que se manifestam nos actos tidos como signal seguro de santidade.

Um excessivo subjectivismo domina os dementes sagrados.

Quando elles chegam ao grau de mutação physiologica exigido e proprio, chamam então espiritos escolhidos, para que lhes venham habitar o corpo preparado.

O appello é feito dez vezes; e si essa invocação não consegue trazer a inspiração ao neophyto, esse renuncia á funcção de *Angakok* que não pôde conquistar.

Si o espirito invocado o deseja apadrinhar, fal-o encontrar um animal demoniaco: foinha, lontra ou teixugo.

Morto este ser infernal, a lingua d'elle será para o *Angakok* o talisman medico por excellencia; a sua maior *vis-medicatrix*.

O poder de curar é obtido ainda de outro modo.

O *Angakok* procura o tumulo de um doutor notavel; e depois de cerimoniaes especiaes, de submissão, arranca do cadaver um dente; e o esconde na propria bocca.

Esse dente, não pode ser impunemente visto pelo commum dos homens; n'elle se concentra o poder curador.

Conselheiro de todos, e em tudo, o *Angakok* exerce principalmente a função medica.

Como se deve suppor, seus processos são os da mais esquisita magia.

Alem do exorcismo, esses doutores nada mais fazem que dar ao doente moribundo o consolo d'uma visão paradisiaca; onde o comer é facil e o frio ameno.

Quando um diagnostico os embaraça, reúnem-se em conferencia; e o mais antigo amarra um cordel na cabeça do enfermo.

A' extremidade d'esse fio ligam um fragmento de madeira que é agarrado e sopesado; d'ahi tiram conclusões que julgam certas.

Quando algum membro de uma familia soffre, doente, nenhuma transacção, nenhum negocio se faz; em signal de sentimento.

Entre os *Thlinketos*, a medicina conserva ainda as praticas exorcisticas como elemento maximo de therapeutica; os vegetaes começam aqui a sua apparição no mister de curar⁽⁹⁾.

Das tribus pertencentes á familia *Tinneh*, a dos *Carriers-Tacullies* (de Nova Caledonia), melhor pratica a medicina. O sacerdote, ao entrar no quarto do enfermo, recebe, antes de qualquer pratica, uma certa gratificação, que será restituída si o doente não melhorar.

(9) Bancroft.

Alem de raras hervas, que os autores não mencionam, o medico emprega o canto de uma triste melodia como principal meio de cura.

Essa cantiga domina a dor; e «*often restores health*» (10).

Victoria, como se vê, da meloetherapia indigena.

As mulheres Nateotetains, tribu Tinneh que vive nos montes Rochosos, praticam a amputação da primeira phalange de um dos dedos da mão, em pezar pela morte de algum proximo parente.

O processo é summario: arregaçam os tecidos acima da primeira articulação, com auxilio de um instrumento de pedra ou de cobre; desarticulam o osso e comprimem o coto (11).

O pezar masculino é menos frisantemente expresso; os homens fazem calar a magua que a morte fez nascer, raspando a cabeça e incidindo as carnes de leve.

O rio Columbia deu nome ao segundo grupo de povos indigenas da America septentrional.

Esses Columbianos se espalham entre o 43° e o 55° paralelos, e se comprehendem nas familias dos *Haidahs*, *Nootkas*, *Indios do Sul*, *Chinooks*, *Shushwaps*, *Kootenais*, *Okanagans*, *Salishs*, *Sahaptins* e *Shoshones*.

O *Tzeetzaiak* — o chefe — entre os *Haidahs*, goza de grande autoridade como esconjurador.

Depois da estação piscosa recolhe-se ás mattas esse *Tzeetzaiak*; e se vae disciplinar por certo tempo.

Quando volta do retiro, a multidão foge diante d'elle; enquanto alguns corajosos ficam á sua frente.

Então, o sacerdote, dos braços nús que se lhes apresentam, arranca, á dente, uma fatia e a deglute.

(10) Bancroft, *Natives races* — v. I pag. 124.

(11) Mackensie — *Voyages, etc.* pag. 148.

Essa dentada sagrada enche de gloria o mordido; e augmenta a força moral do *Tzeetzaiak*.

Os viajantes confundem na mesma descripção as praticas medicas desses povos.

Nas ilhas da Rainha Carlota o medico leva n'uma caixa, escondidos da vista do povo, os espiritos infernaes; por isso, é temido.

O povo acredita no seu poder de enfeitiçar mortalmente a vida alheia; e assim, muitas vezes accusado, é morto pelos parentes do defunto.

O indios de Millbank Sound para se vingar de John Dunn ⁽¹²⁾ que os havia exasperado, apanharam-lhe o escarro e o levaram ao seu doutor; para que este arrancasse o espirito do viajante ousado.

Nas molestias benignas usam os Haidahs certas infusões vegetaes; mas a therapeutica suggestiva é ainda a principal.

Meio hemostatico usado para estancar a mordedura sagrada de que se falou, são os fios das pennas de aguia mantidos por um emplastro de resina de pinheiro.

A agua do mar tem grande uso. Ingerem-na em grandes porções nos casos de molestia; e depois vomitam-na, fazendo assim o que chamam « uma lavagem interna » ⁽¹³⁾.

Mackenzie conseguiu acompanhar o tratamento de uma ulcera.

Rodearam os parentes o enfermo, e sobre elle assopraram, assobiando; depois apertaram-lhe o epigastro com os dedos; e enquanto uns procuravam introduzir o punho na bocca do martyrisado, outros lançavam agua sobre elle.

(12) Dunn—History of Oregon Territory. London 1844, pags. 246.

(13) Francis Poole—Queen Charlotte Islands. London 1872.

Assim terminou a primeira parte de tão exquisita pratica. Levaram-no depois para o matto; e ahi, o depuzeram sobre o chão bem limpo.

O « doutor » escarificou a ulcera com um instrumento de madeira, e depois cauterisou-a com um tição abrasado, adrede acceso ⁽¹⁴⁾.

Os medicos Haidahs usam, ainda no exercicio de sua arte, os chamados *Tsäk-ssets*; feitos de osso, de madeira ou de uma rocha, têm representações totemicas esses amuletos. São tidos no maior apreço; actuam por contacto com o corpo do enfermo.

O professor H. Giglioli, possuidor de uma bella collecção de *Tsäk-ssets* descreveu os seus amuletos no 3º fasciculo do volume XXX do Archivio per l'anthropologia e la ethnologia (anno de 1900).

Alem d'esses objectos descreve o professor Giglioli alguns guisos, *Shi-sha*, usados pelos curandeiros columbianos; e um bastão — *Taskear*, no qual se apoiam enquanto cuidam do enfermo.

Os animaes totemicos cuja representação convencional se estende pela superficie desses objectos, são o corvo, o urso pardo, o lobo e a aguia.

O mais interessante dos amuletos medicos é o *T^oask*, formado pela diaphyse de um osso longo, cujas extremidades são esculpidas de maneira a figurar boccas hiantes. A superficie externa do tubo osseo é illuminada pelas gravuras sagradas.

E' n'esse tubo que o medico pretende reter a alma do enfermo.

Na tribu dos Nootkas, o sacerdocio se distingue em parte da função medica.

(14) Bancroft. — Native races. Vol 1. pags. 172.

Kau-Koutsma-hah—é o « guia das almas »; o medico é o *Ooshtuk-yu*.

Este trata os casos cummuns, auxiliado pelas velhas da casa. Quando periga o doente, invoca-se o poder do sacerdote; que mais se acha em contacto com os espiritos damninhos, e melhor conhece a pratica de os afugentar ou submetter ⁽¹⁵⁾.

E' crença Nootka que os sonhos são visitas que fazem os maus espiritos; e então, pobre de quem sonha! Soffre os horrores d'um exorcismo cruel, que vae da simples incisão, ao mais doloroso supplicio.

Os Nootkas não conhecem o banho de vapor; praticam o banho de mar, como uso therapeutico.

O filho, pequeno ainda, é de vez em quando coberto de neve pela mãe, que assim acredita tornal-o robusto.

Sproat viveu alguns annos entre os Columbianos; acha tão complicado o ceremonial exorcistico dos Nootkas, que o não consegue descrever:

«... I am quite unable to describe their performances» ⁽¹⁶⁾.

Esse povo é em geral sadio; Jewitt, em tres annos de captivo, só viu cinco mortes por molestia ⁽¹⁷⁾. Segundo Sproat, a pathologia se resume nas inflammações gastro-intestinaes e nas ophthalmias. A syphilis e a tísica apparecem algumas vezes.

Os accidentes traumaticos, feridas, luxações, fracturas, esmagamentos, são tratados pelas applicações de gommas, resinas, ataduras de casca de pinho, talas de madeira, etc.

A molestia pensam, provem de um desvio da alma ou de uma ruim influencia espiritual externa; e tratam, pois, de fazer a primeira ganhar o bom proceder, base da saude; e dominar a se-

(15) G. M. Sproat—Scenes and stndies of savage life. London 1868, pags.168.

(16) G. M. Sproat—Scenes, etc. Vol. I pag. 170.

(17) Bancroft. — Native races—pag. 204.

gunda. E' uma verdadeira theoria cerebral da molestia; embora mergulhada nas fachas escuras do empirismo primitivo.

A mulher Nootka é uma enfermeira dedicada; goza d'essa fama, que o illustre Bancroft espalha.

A massagem, as applicações topicas de agua morna ou de cinzas quentes, são usadas para tratamento das nevralgias e dores rheumaticas.

A syphilis é tratada pela uva da Oregon; o pó da «casa de maribondos» é um tonico; a amora, usada como adstringente.

Para impedir o augmento da familia, cercear a procreação, bebem os Nootkas uma infusão de renovos de pinheiro; ou deglutem o pó da taboa interna de um osso de craneo humano. Para facilitar o aborto empregam certas plantas ⁽¹⁸⁾.

Não se servem de substancia mineral alguma, como medicamento; desconhecem a amputação.

A cephalalgia é tratada com as pancadas de um ramo de pinheiro, sobre a região em que a dor é maior.

O enjôo ganha facilmente esses marinheiros natos, quando viajam á bordo de um grande navio ⁽¹⁹⁾.

A sangria local, a escarificação, segundo diz Jewitt, é usada pelos Nootkas.

Um facto interessante narra Macfie ⁽²⁰⁾: — «Doctors are generally chosen from men who have themselves suffered serious maladies.»

Não tendo succumbido, é de esperar que o doutor conheça bem o mal que o atacou; e melhor assim possa marcar a estrategia para o vencer de novo.

(18) Bancroft—Native races Vol. I pag. 204.

(19) Poole—Queen Charlotte islands, pag. 81

(20) Vancouver Island and British Columbia pag. 440.

O medico só é pago si o tratamento deu bom resultado ; não se paga o trabalho, e sim a cura.

Os Indios do Sul — Sound Indians — usam o banho quente na sua therapeutica contra o rheumatismo.

Na presença do Dr. Holmes, a um velho tisico, in extremis, foi administrado por um « medicine-man », um banho frio á 40° Fahrenheit.

O meio usado para combater a tísica pulmonar, quando surgem os seus primeiros symptomas, é descripto por Wilkes ⁽²¹⁾.

Cercam o thorax do enfermo com apertados fios, de maneira que se não possa fazer a respiração pelo modo clavicular. Só pelos movimentos do diaphragma consegue o individuo satisfazer a hematose.

Este verdadeiro repouso dos apices pulmonares consegue, ao que parece, melhorar o doente.

A cura entre os Clallams é trabalhosamente feita pelo « medicine-man ».

Depois de sovar o paciente, tira o curandeiro o seu manto, e põe-se a dansar furiosamente, até que o suor lhe poreje a epiderma; atira-se então ex-abrupto sobre o doente; e enterra os dentes no lugar da dor.

Quando larga o misero, passa o medico as mãos pela bocca e as mergulha n'agua; onde solta a molestia, tão duramente arrancada do corpo do enfermo.

As frieiras, são tratadas com uma pomada feita com cinzas.

Os velhos doentes e aleijados, são postos em abandono no meio da floresta.

Os Chinooks, ultimo grupo dos Columbianos, são bem falados; a pratica original de deformar o craneo, tão peculiar aos

(21) Bancroft—Native races Vol. I pag. 220.

povos d'America, mostrou-se mais usada entre elles. Os anthropologistas gastam-se muitas vezes em procurar a explicação d'essas mutilações, como a deformação do pé, das orelhas e dos labios. E' uma preocupação ociosa que lhes serve, o que é pernicioso, para base ficticia das mais gratuitas hypotheses ⁽²²⁾.

As deformações ethnicas do craneo têm sido bem descriptas.

Gosse ⁽²³⁾ admittiu 16 especies; e Lunier 7 ⁽²⁴⁾.

Topinard aceita 10 especies separadas em dois generos.

No 1º genero quadram as deformações em que os diâmetros ⁽²⁵⁾ Basilo-bregmatico e Transversos, augmentam em detrimento do Antero posterior; — são as deformações *alçadas*.

No 2º genero grupam-se as formas em que este pedominio é inverso: — são as deformações *deitadas*.

As cinco do primeiro genero são:

1ª *Deformação occipital simples*. — E' obtida pela pressão intensa sobre o occipital, correspondendo a uma contra pressão diffusa no frontal. O occiput fica então sobre a vertical.

As costas do Perú, a ilha de Vancouver, são os lugares geographicos d'esta forma.

Ella é ainda encontrada entre os Puelches, dos Pampas.

2ª *Deformação quadrangular*. — Si alem das pressões usadas na obtenção do primeiro typo, soffre o craneo a influencia de outras, sobre as suas paredes lateraes, apparece esta forma; encontrada entre os Paws, por Morton. Entre algumas tribus brasileiras do grupo— Gê — (botocudo) essa deformação surge, as vezes, á titulo esporadico.

3ª *Deformação cuneiforme alçada*. — O augmento exagerado da pressão occipital faz derivar, da primeira especie, esta deforma-

(22) Revista da exposição authropologica Brasileira 1882 pags. 17.

(23) Gosse—Essai sur les def. art. du crâne.

(24) Lunier—Nouv. dict. de med. et de chir. pract. artigo — deformations artificielles du crâne.

(25) Nomenclatura de Broca. Vid. Instinctions craniologigues.

ção. Era corrente entre os sanguinarios povos Nahuas, que a perpetuaram nos hieroglyphos deixados em Palenque, Copan, Uxmal e outros pontos do Mexico e da America Central.

4^a *Deformação trilobar*. — Era encontrada na ilha dos Sacrificios, do golfo do Mexico. N'esse typo a abóbada craneana se representava em tres lobos distinctos. Um, formado pela fusão das bossas frontaes; e dois outros derivados das bossas parietaes, augmentadas a custa da bipartição symetrica do occipital. Essa forma era obtida pela acção de uma facha, que partia da nuca, subia pela linha media até o ponto bregmatico, e ahi se bifurcava; indo cada cada ramo em procura da fossa temporal correspondente, para ganhar, depois de ter passado sobre o maxillar, a região supra hyoidea.

5^a *Deformação cordiforme*. E' achada nos craneos Peruanos recolhidos em Ancon.

Deriva-se da trilobada pelo desaparecimento do lobo anterior, obtido por uma forte pressão frontal novamente accrescida.

No segundo genero a 1^a é a *Deformação cuneiforme deitada* — obtida pela transposição das pressões que fazem a 1^a especie do 1^o genero.

Esta deformação era encontrada entre os Carahibas e principalmente entre os Chinooks.

2^a *Deformação symetrica alongada* — (Morton). E' a chamada deformação dos Aymãras; por serem os craneos d'estes selvagens victimas d'ella.

Uma pressão frontal exagerada, correspondente á uma occipital mais fraca e exercida sobre o *probole*, ladeada por outras duas, fôrma esse typo interessante; no qual o obelion se projecta para traz, em forma de cone de base vinculada.

Esta deformação é uma das mais characteristics; a mais ligeira inspecção permite reconhecer, por ella, os craneos dos extinctos habitadores primitivos do Imperio dos Incas.

3^a *Deformação annular de Foville* — Deriva da pressão de uma facha circular, que passe pelo bregma e vá ganhar o maxillar. E' achada entre os camponios europeos; principalmente em França, onde ella deu as duas ultimas:

4^a *Bilobar de Lumier* e 5^a *Tolosã de Broca*.

A bilobar vem do exagero da annular; a tolosã nasce de uma simples pressão frontal.

Não é descabida a digressão que venho fazendo. E' certo que as deformações craneanas não entram na pratica medica dos selvagens, sendo executadas pelas mulheres mães. Mas o interesse ethnico do assumpto, tão depresado pelos estudiosos, fez-me deixar a larga estrada e passar pelo caminho d'elle, como se vê pelas linhas escriptas; leve despertar que eu aqui deixo aos espiritos indagadores.

Os Chinooks morrem tísicos na proporção de 80 á 90 %₁₀. Muitas aldeias assim se exterminaram. ⁽²⁶⁾ Bancroft acredita que essa mortalidade nasce do tratamento usado, que é o banho prolongado á temperatura vizinha de — o.

As lesões traumaticas se tratam pelo unguento de cinzas do cabelo ou do pello de certos animaes.

As molestias internas são curadas pela dieta e pelo banho. Si o mal resiste, é que o espirito de um morto entrou no corpo do enfermo; e briga, para leval-o ás doçuras de uma existencia mais feliz. A alma do paciente recalcitra na mudança; e trava-se a luta.

Vem então um doutor, dos muitos celebres que a tribu possui; e nos seus berros delirantes, nas suas dansas contorsivas, desencanta o paciente, que é tambem rudemente esfregado; e ás vezes sobrevive ao tratamento, diz Bancroft.

(26) Bancroft. Nat. Races. Vol. primeiro pag. 246.

Si o doente morre, o medico é maltratado ou morto ⁽²⁷⁾.

Os *cabeças-chatas* ou flatheads, são predispostos á appoplexia ⁽²⁸⁾.

Para terminar o estudo das praticas medicas dos Columbianos, devo examinal-as nos grupos que comprehendem as chamadas *Inland-families*.— (Bancroft).

Essas familias são as dos Shushwaps, Sahptins, Salishs ou Flatheads.

O poder temporal é exercido de modo independente por chefes electivos; e a medicina, pelos—*medicine-men*— nos casos graves. Usam muito os banhos quentes e frios; e hervas, gommias e resinas que nos não são conhecidas.

A habilidade cirurgica é notavel; as feridas e as fracturas são admiravelmente tratadas. Raramente morrem os medicos de molestia; são quasi sempre massacrados pelos parentes do doente morto, que o julgam conhecedor de praticas assassinas, de par com as salvadoras; e acreditam que o misero appellou para aquellas quando devia com estas se agarrar.

A salvação é as vezes achada pelo coitado, que attribue ao maleficio de um collega o desastre da sua intervenção. Essa camaradagem devoradora consegue livral-o.

O methodo usado pelos *medicine-men* é sempre o mesmo.

No centro de uma cabana extendem o paciente, em *decubitus dorsalis*; rodeam-no os amigos, e depois que começam o canto sagrado entra o doutor, pintado de côres recentes. Gesticula e berra. Massa o doente com os punhos cerrados, praticando a ⁽²⁹⁾ *Krammgriff* dos massagistas, que os francezes chamam — *coup de peigne*; fere com as unhas o local da dor e suga a escoriação.

(27) Swan—The Northwest Coast, etc. New York 1857. pag. 176.

(28) Bancroft. Native Races. Vol. I pag. 247.

(29) Dr. de la Joncheraie.—Le massage; in Therapeutique contemporaine I annee n. 8

Quando o mau espirito não é extrahido sob a forma, nada mystica, de um pequeno osso ou pau, que o medico mostra á assistencia, o mesmo cerimoniaal repete-se cada dia; até que o caso se decida. Certos medicos usam um collar de reliquias n'esses desen-cantos.

Alexandre Ross dá algumas informações sobre o assumpto que me occupa; diz, assim, que entre os *Okanagans*, os *medicine-men* são chamados *Tlaquillaughs*; homens de certa idade, esses individuos têm o aspecto sério e grave. Conhecem propriedades therapeuticas de algumas plantas; praticam a cirurgia com successo estranho.

Conta Ross um fato, que eu passo para aqui textualmente; não se diga que lhe tirei o sabor do original:

«I once saw an Indian who had been nearly devoured by a grizzly bear, and had his skull split open in several places, and several pieces of bone taken out just above the brain, and measuring three-fourths of an inch in length, cured so effectually by one of these jugglers, that in less than two months after he was riding on his horse again at the chase» . . .

Quem sabe que a cirurgia, n'esses casos, é expectante, não admira tão entusiasticamente o tratamento do *Tlaquillaugh*.

Admirados fiquemos, si é verdade o que o mesmo viajante affirma depois. Conta que viu praticar, com successo feliz, uma laparotomia, seguida da resecção de uma boa parte do redenho, *epiploon*. Costurada a ferida, em pouco tempo viu-se bom o doente (30). O habito de dissecar animaes, cujas pelles são ciosamente desejadas, devia preparar um pouco o surto cirurgico que se nos mostra aqui.

(30) Ross — Adventures of the first settlees on the Oregon or Columbia river, pags. 302—8.

A tísica (consumption) é frequente; e os casos verificados, tratam-se mergulhando os pés dos enfermos na cavidade abdominal de cães, adrede extirpados.

O reumatismo é curado pelos processos hydroterapicos do *ice cold bath*, e do banho de vapor.

Os convalescentes da tribu cantam em cõro um certo tempo, diariamente, dirigidos por um medico.

Os Wascos que habitam o territorio chamado por elles Was-copam, ⁽³¹⁾ ao sul do Oregon, applicam sal sobre a picada da cascavel (rattlesnake); e bebem aguardente quando mordidos.

Os medicos infelizes, são assassinados pelos parentes do defunto cliente.

Foram as tribus norte americanas das vertentes do Atlantico, grupadas em cinco familias: Algonkin, Iroquoi, Sioux-Dakota, Muskoki-Chacta e Pawnee.

Ellas se escalavam pelas terras do Canadá e do paiz Yankee; confinando para o occidente e para o norte, com os povos já visitados.

Todas essas tribus, caçadoras, possuíam conhecimento relativamente vasto da morphologia interna dos animaes; pelo seu proprio costume cynegetico. Chamavam por determinados nomes o coração, os pulmões, o figado, etc. Sabiam que o coração é o reservatorio distribuidor do sangue; tomavam-no como centro da vida. ⁽³²⁾ O figado era chamado *okoon*, pelos Algonkins; os pulmões, *opun*.

O Dr. Pitcher notou que os indios, n'essas denominações, tinham especial conta da apparencia estructural do orgão.

(31) Schoolcraft—Indian tribes. Vol. 4, pag. 501.

(32) Schoolcraft.

Nas feridas, eram frequentes as lavagens e as cataplasmas. O mesmo medico compara as noções pathologicas dos indios, ás que viviam nos povos medievaes.

Um facto digno de nota, diz Schoolcraft, é a coincidencia do emprego systematico da mesma planta, pelos medicos selvagens e civilisados. Isso não admira á quem conhece o cerebro humano.

Era sabido pelos selvagens que os rins são órgãos essenciaes, e que a sua extirpação mata o animal.

A molestia era influencia de um mau espirito; e como alguns acreditavam que era accumulo de impurezas na parte doente, sugavam essa parte com um tubo osseo. Outras vezes attribuiam a molestia á mordedura de um animal. Um tratamento sympathico das feridas era praticado; untavam a arma vulnerante com uma pomada especial.

As affecções typhicas são completamente desconhecidas, diz o Dr. Pitcher, por todas as tribus.

Em geral começam o tratamento de uma molestia febril por um vomitorio; o emetico empregado é uma das tres plantas: *euphorbium calicata*, *eupathorium perfoliatum*, e *apocynum cannabinum*. O banho quente, é usado na febre como sudorifico.

No pleuriz empregam a sangria, feita com um fleme semelhante ao que se usa em alveitaria; mas de pedra e madeira.

Internamente administram a *asclepias decubens*.

Externamente, como revulsivos, servem-se da *anthemis cotula* e da *polygonum persecoria*. Na tísica pulmonar usam a mucilagem do *ulmus americana*, da malva *rotundifolia*; e applicam uma especie de sedenho.

Os accessos de asthma tratam-se pelo tabaco, o saurus benjoin e o s. *sassafras*. Na diarrhea empregam o *rubus trivialis*, o

geranium maculatum, a spirea tomentosa, o quercus alba. A hydropesia era tratada de maneira singular. Collocavam o doente n'uma cova aquecida; e lhe cobriam o corpo com terra quente. O calor, activando a circulação talvez, desenfiltrava o paciente. O topico, nas hemorragias era o pó do lycoperdon bovista. A compressão figurava como o melhor hemostatico.

As feridas incisas, de certa extensão, eram cuidadosamente costuradas com fibras tendinosas. Ao fim de seis dias retiravam os pontos e lavavam a ferida.

Nas profundas, em que havia suppuração, o esgotamento ⁽³³⁾ era praticado com uma pequena mecha. Um caso interessante é contado pelo Dr. Pitcher.

Chamado para ver o chefe *O-gee-mah*, soube d'elle: que tendo sido ferido no peito, havia dois annos, sobreviera uma hernia pulmonar. Os medicos da tribu temendo a hemorragia, que poderia vir si empurrassem para a cavidade thoraxica a porção de parenchyma pulmonar estrangulada na ferida, decidiram que se cortasse, á fogo, essa porção; e que o chefe a comesse, para d'ella não sentir falta... As hernias communs são bem contidas pelos selvagens; as que se estrangulam são abandonadas, porque nada conhecem, em sua cirurgia, que as possa curar. Applicam talas nos casos de fractura; mas como não fazem antes a coaptação ossea e não conhecem as uteis manobras da extensão e da contra extensão, não é raro ver disformes.

Na gonorrhœa usam com bom resultado, os balsamicos.

Contra a syphilis, nada lhes vale do que conhecem. A obstericia é exercida pelas mulheres; nos trabalhos demorados administram a sanguinaria canadensis.

Para terminar essas notas sobre as praticas medicas das tribus do grupo Atlantico, digamos que entre ellas os verdadei-

(33) Drainage.

ros medicos soffriam longa e penosa iniciação; e tinham o monopolio da clinica.

Isso não impedia que muitos, clandestinamente, usassem de seus conhecimentos; e com mais felicidade que os curadores de privilegio ⁽³⁴⁾.

Em diversos volumes do *Annual Report of the Bureau of Ethnology*, acham-se lendas Iroquezas e Dakotas para explicar a origem da medicina.

Todas ellas se fundam em noções de character altruistico, oriundas da vida affectiva do regimen fetichico, em que esses povos viviam.

Os Californeos septentrionaes são extraordinariamente atacados pela tísica e pela lepra.

A fumaça, companheira d'esses fumantes inveterados, causa-lhes frequentes ophtalmias. Ao tabaco juntam a folha chamada *kinnik-kinnik*.

A pathologia d'elles, ensina que a molestia é causada por uma cobra, que lhes vae *roendo* (?) a alma; e cuja entrada no organismo veiu por artes de algum bruxo, feiticeiro ou mau espirito.

Hubbard diz que o seu principal medicamento é uma orchidea que vive sobre o pinheiro, a qual chamam *collque-nashul*. Esta planta, em pequena dose, é expectorante e diuretica; em dose alta, é sedativa e emmenagoga. As mulheres empregam-na para provocar o aborto ⁽³⁵⁾.

Bancroft acredita que a syphilis foi passada á essas tribus pelos brancos. Essa opinião merece confronto com alguns factos pouco divulgados.

(34) Schoolcraft—Indian tribes vol. V pag. 437.

(35) Golden Era, Março de 1856.

Os historiadores chinezes fazem subir ao imperador—Hoang-ty—(2637 a. C.), a primeira descrição da syphilis. Esta noção é contestada; e ponto obscuro ainda, é a presença da syphilis na Europa no XVI seculo. No 3º Congresso dos Americanistas, effectuado em Madrid (1881), notou-se a palavra hespanhola—buba—; e se pretendeu ver n'ella a syphilis inclusa. Os historiographos da conquista são claros; e affirmam que a syphilis foi por elles encontrada na America.

Ahi aprenderam á conhecel-a: Clavigero, Gomara, Herrera, Sahagun e Oviedo.

Isso combina com a versão chinesa; e para seguir a praxe que arrasta os antropologistas ás hypotheses, vae aqui a minha; formulada embora pelo menor d'elles, que é o maior desapaixonado d'ellas.

Eu não vejo que immenso valor pôde haver no conhecimento da origem dos americanos. Acho essa determinação uma especie de—quebra-cabeças—meio scientifico; assim a origem do homem, o fim do mundo, e... quejandas. Colloco-me sempre no ponto de vista *relativo*; por isso não posso discutir origens ou fins.

Mas quando resvalo por um caminho que tanto estimam os ethnologos, vou observando, simples estudioso, as inconsequencias que as vezes surgem á meus olhos.

Haeckel, o padrinho da escola transformista que nasceu com Lamarck, e cresceu com Darwin, negou á America a honra de ter sido o berço de nossa especie. O transformismo á isso o impelliu; porque elle não via n'esse continente, forma simia capaz de soffrer a evolução anthropogenica necessaria. America, em sua fauna, só possue, vivos e extinctos, macacos plathyrrhinos.

Essa idéa é clara na sua interessante — Historia da Creação, que é, digamos, o manual do transformismo.

E' notavel que essas mesmas theorias hajam servido, nas mãos habéis d'um illustre discipulo ⁽³⁶⁾ do professor de Iena, para apoiar a asserção de Morton: *O Homem Americano é producto do solo d'America.*

Feito esse reparo, que surge em mente do observador o menos sagaz, devo dizer que acredito ser verdade a opinião que o professor de Quatrefages tão bem defendeu, admittindo que o povoamento da America se fez por diversas raças, vindas de pontos diversos.

Por isso ella mostrou, aos seus primeiros visitantes, caracteres ethnicos tão varios. D'Orbigny achou *brancos*, na America do Sul, entre os Antisianos; Os Californeos e os Charruas eram *pretos*; e é bem sabido que traços *amarellos* não faltam nos aborigenes do novo mundo.

Humboldt frisou bem o modo por que se evidenciam as relações Asio-Americanas nas épocas prehistoricas ⁽³⁷⁾.

Approximações linguisticas, ligações archeologicas não faltam. Basta perlustrar os descriptores d'America; todos se occupam com essas communicações.

No Brasil, Barbosa Rodrigues ⁽³⁸⁾ e Ladislau Netto, ⁽³⁹⁾ muito escreveram sobre a origem asiatica dos Americanos. Eu não quero discutir, por esteril, este facto, que já foi bem apreciado por Silvio Romero ⁽⁴⁰⁾. O que me importa, é saber que muito antes dos europeos, povos d'Asia conheciam o — Fusan —; paiz situado na direcção do sol nascente e que pelos calculos de de Guignes estava em terra da America. E as costas do Pacifico eram mesmo frequentadas pelos juncos amarellos;

(36) Julio de Moura. O homem Americano, these.

(37) Humboldt. Vue des cordillères tomo I pag. 31 a 39.

(38) B. Rodrigues—O muyrakitan.

(39) L. Netto—Investigações sobre Arch. Bras., in Archivos do Museu Nacional, VI Vol.

(40) S. Romero—Ethnographia brasileira.

graças ao Kuro — Sivo « corrente negra » dos Japonezes, que ainda hoje atira pescadores nippões sobre as costas do Oregon ⁽⁴¹⁾.

E pois, admittamos que a syphilis, conhecida no Imperio do Meio, foi pelos Celestes conduzida a novas plagas, onde os Hespanhoes deviam vir buscal-a mais tarde; quando Colombo arrançou a nova terra, da « eterna officina » que Castro Alves cantou.

Si era assim tão sua conhecida, deveriam os primitivos povos da America bem saber combatel-a. E assim era, de facto; especialmente os tribus Mexicanas curavam d'essa therapeutica. Isso havemos ver depois.

São numerosas as mulheres doutoras (*Wamendoctors*) entre os Californeos; os medicos varões, são mesmo raros.

Tambem é ellas não faltam privilegios.

Aprendem no — *Temescal* — cabana de ingresso vedado á outras mulheres, onde as eleitas vão receber das velhas mestras os sabios conselhos que a experiencia lhes ensinou; e o tempo desenvolveu. A pratica principal é a sucção da parte em que o mal se occulta. Muitas vezes a doutora, depois d'essa operação, vomita uma pequena rã adrede escondida; incarnação do mau espirito que martirisava o enfermo.

E quando o caso se complica, tambem conhecem a conferencia medica. A doutora assistente convida outra, cujo papel principal é descobrir o ponto em que existe a molestia.

Para isso, solicita o mau espirito, ladrando á guisa dos cães; e o mau espirito, intimidado, descobre-se á curandeira ⁽⁴²⁾.

Gibbs assistiu uma cerimonia complicada do ritual curativo.

Para cuidar de um moço enfermo vieram quatro jovens medicas; e como, coisa incrível, continuasse a molestia mau grado

(41) M. de Nadaillac—Amerique pre-historique.

(42) Bancroft. loco cit. pags. 355.

a desvelada assistencia, foram chamadas outras quatro; velhas, d'esta vez.

Rodearam todas o rapaz; e assentadas que foram, puzeram-se a sugal-o demoradamente; entremeiando a operação com lamentosos gritos. Quando, pela acção de taes ventosas, chegou-lhe o sangue a pelle em verdadeiras ecchymoses, massaram então o triste corpo com as mãos e os joelhos.

Fosse por cansaço, ou ordenação therapeutica, caíram as doutoras sobre o solo; e ali por longo tempo adormeceram.

Entre os Klamath, do Rogue-river, (norte do Californea), o *medicineman* goza a fama, pouco invejavel, de governar a saude e a morte; e pois, quando morre um doente seu, segue-o tambem o medico, trucidado pelos parentes do defuncto. O que é mais serio, e menos ainda agradavel aos esculapios d'essa terra, é que muitas vezes, pela morte de um parente, morre o primeiro doutor encontrado. Assim, não é raro que se trucide um *medicineman* de outra tribu, que desse modo paga um mal que não fez.

Esses desabafos assassinos são causas de frequentes guerras entre os povos patronimicos do medico trucidado e dos vingativos parentes.

O — *Temescal* — californeo merece um trato especial.

Molina no seu Vocabulario Azteca escreve:

«*Temazcalli* — *casilla como estufa, adonde se bañan y sudan*».

E foi essa palavra levada do Mexico á Californea pelos Missionarios Franciscanos, segundo affirma Turner.

Os Chemehuevis que viviam na margem esquerda do Colorado, chamavam o temezcal: *pahcaba*.

Usavam as Romanos uma demorada compostura⁽⁴³⁾ no que respeita ao asseio. Os banhos publicos são bem sabidos.

(43) A palavra *compostura*, parece-me, bem merece em portuguez o uso que os francezes dão á sua — *toilette*.

Os que tinham fortuna e posição, davam ao corpo trato maior; nas casas particulares havia uma dependencia de exclusiva reserva ás praticas hygienicas da hydrotherapia.

Balineum ⁽⁴⁴⁾ era essa parte da casa; *balineæ* é o prural d'esse nome reservado aos banhos publicos.

No balineum havia quatro locaes distinctos e ligados, que eram atravessados successivamente pelo banhista. *O apodyterium* recebia-lhe as vestes; *o frigidarium*, nome que tambem marca o lugar mais fresco em que guardavam certos alimentos, é de uso problematico; Becker e Marini querem identificall-o ao banho frio.

Tem-se notado que este possuia outra denominação: *frigida lavatio*. *O tepidarium*, preparava o banhista para a temperatura do *caldarium* que era a estufa (*sudatorium*) e onde existia a banheira.

Em miniatura, repetiam muitos povos da America essa complexa hydrophilia. O Temazcalli servia aos banhos complicados com que os Californeos se tratavam; mas não só para isso. Era tambem um lugar sagrado onde os homens mais notaveis tinham ingresso e com elles as mulheres medicas; que as outras lá não entravam, sob pena de morrer as que o fizessem.

Escavavam no solo uma cova, protegida por um tecto baixo; formava isso o Temazcalli. O fogo era acceso então no centro d'elle; e alimentado até a vindoura primavera.

O carinho e a attenção a mais viva eram dispensados ás chammas sagradas, que se não deviam apagar antes do prazo.

O fogo de Vesta não era mais ciosamente guardado; embora seja arriscada a approximação que se possa estabelecer, diz Bancroft, entre a fétida e fumarenta cabana e o cheiroso templo da divindade romana.

(44) Rich—Dictionnaire des antiquités Romaines et grecques.

Geralmente o Temazcalli se levantava á margem de um riacho.

Uma pequena escotilha dava entrada ou sahida a esse lugar; e logo se fechava sobre quem por ella passasse.

N'essa estufa entregavam-se os doentes á delicia de uma transpiração profusa; e quando alagados se sentiam, procuravam a corrente fria que ao lado deslisava. Era um *banho russo* primitivo praticado por americanos pre-historicos.

Muitos se serviam do Temazcalli para dormir as noites acerbas do inverno cruciante. Mal se concebe que se não suffocassem n'uma tão polluida athmosphera.

Entre os Californeos é frequente a pratica que os Francezes denominam *couvade*. Enquanto a mulher procura um recanto affastado, margem de um rio, para dar á luz, o esposo se contorse na rede com as dores do... parto. As velhas da tribu correm então para consolal-o; até que chega a esposa e o novo filho.

Ella entrega este ao marido, que se põe de resguardo; e vae terminar a tarefa que levava em meio, quando os primeiros signaes da maternidade proxima surgiram. Taylor descreve este uso singular, nascido de uma original concepção da paternidade, entre os Chins occidentaes, os Thibetanos, os antigos Bascos, os Groënlandezes, etc.

Havemos de achal-o na America ainda.

Entre os Californeos do centro as mulheres são banidas da arte medica. O assassinato do medico infeliz é ainda a regra.

Powers diz ser geral, entre elles, a crença de que os curandeiros têm poder de vida e morte sobre o commum da gente. Os Meewocs, da Serra Nevada, quando desejam a morte de algum inimigo, porfiam por obter que algum medico da tribu lhe tire a vida. N'esse mister o esculapio sóbe á um outeiro; e d'essa altura entrega ao vento, com as pontas dos dedos, o pó venenoso que ha de ir matar o determinado individuo.

Muito se fazem pagar esses doutores.

Talvez por isso a familia do doente defuncto trucida quem tão exigente quanto inutil, ou prejudicial, se mostrou.

As «Sweat-houses», já descriptas, são ainda aqui usadas; mas os Californeos centraes empregam tambem outro systema para obter o mesmo resultado.

Aquecem areia a uma temperatura supportavel e n'ella mergulham o individuo que precisa transpirar.

Quando o effeito, que aliás não demora, é obtido, o doente entra no banho frio complementar.

D'essa dupla immersão, n'areia e n'agua, salva-se a cabeça do enfermo.

A sangria é praticada regradamente; quando o mal reside nos membros, é o ante-braço esquerdo o paciente da phlebotomia.

O direito é incisado quando a molestia attinge o tronco ou a cabeça. Poucas hervas são usadas.

As mulheres da Californea meridional, na occasião do parto agarram-se a um ramo d'arvore; e, presas a esse apoio, saltam e forcejam até completa expulsão. Ellas mesmas ligam o cordão com um fio de pelle de gamo (*buck-skin*); e cortam-no com uma faca de afiado gume. Sobre a ferida da secção passam uma brasa. A mãe, então, leva o filhinho ao banho; si a creança chora, e sobrenada, é tratada e viverá. Si vae ao fundo não na salvam; dormirá no seio d'agua esse que não quiz se incorporar á tribu.

Um jejum de tres dias soffre a parturiente; durante elle bebe só agua morna.

Em certas tribus só depois do filho desmamar póde a esposa entregar-se á seu marido.

Os povos da Californea meridional têm nas suas lendas, nas suas creanças, a impressão do mais exaltado subjectivismo. Entre

elles são communs os *encantadores* de serpentes, (*charmeurs*) que fazem, d'esses repteis, doceis amigos.

Chateaubriand soube descrever, na pujança de suas phrases servidas por uma linguagem de côres tão pessoaes, uma d'essas scenas de encanto.

Os feiticeiros em si concentram o poder espiritual. Astrologos, lêem no céu a morte proxima de um chefe; adivinham pela queda d'estrellas, a calamidade que ha de vir em pouco.

Medicós, curam de seus enfermos pondo-lhes sobre o corpo um talisman sagrado.

A balneotherapia não falta; e para curar certas molestias, que na crença do povo são causadas por pequenos pedaços de madeira, ou de pedra, que penetraram mysteriosamente no corpo do soffredor, sugam os medicos o doente; e mostram depois o que a sucção lhes tirou do corpo.

No caso de paralyisia os membros affectados são batidos pela ortiga.

Usam muitas vezes do vesicatorio, que é um emplastro d'essa planta.

A sudação, pela areia quente, é tambem aqui usada.

As picadas de cobra são curadas de modo especial. Fazem ingerir ao mordido uma boa dose de cinzas, ou de pó de formigueiro; sobre a ferida applicam hervas.

A gonorrhœa é commum; tratam-na pelo decocto de uma planta que os hespanhoes chamam *chancel-agua* e de que é fertil a região ⁽⁴⁵⁾.

Ainda para cura da blennorrhœgia, usam de verdadeiras pilulas de fezes de pombo bravo.

O decocto da —*chancel-agua*— é grandemente detersivo e com vantagem usado, tambem, no trato das ulceras. Hoffman o experimentou; não lhe achou meritos reaes.

(45) Hoffman—San Francisco medical press.—Vol. V. pag. 143-s.

O cancro syphilitico é, pelos indios, cauterisado a fogo; os accidentes posteros d'esse mal são curados por uma herva que denominam *rosia*.

São falhas completamente as noções sobre as praticas medicas das tribus da familia Shoshone, que se divide em Utahs e Shoshones propriamente ditos (Snakes ou Serpents).

São individuos fortes, na voz unanime dos viajantes; e atacados frequentemente pela syphilis. A unica menção therapeutica, que a cerca d'elles se faz, é a do uso medico da *convallaria-stellata*.

Nas tribus do grupo Neo-Mexicano, uma frequente dermatose é designada pela palavra hespanhola — *pintas*.

A escarificação e a dieta são meios usuaes de tratamento. O banho de vapor é empregado pelos Mojaves, do rio Colorado.

A agua é aquecida pelo processo stone-boiling.

Usam de uma enphorbiacea para o tratamento das picadas de cobra.

Conhecem os Comanches o tratamento das fracturas. Quando feridos mastigam a raiz da planta que chamam *puip*; e applicam o succo obtido, de mistura com a saliva, sobre a chaga.

Os Apaches abandonam seus doentes logo depois de um ligeiro tratamento; deixam-lhes, á cabeceira, algumas brasas e uma pouca d'agua ⁽⁴⁶⁾.

Velasco diz que os adivinhos, que se fazem medicos, usam das mesmas plantas que o povo conhece; mas empregam-nas com exquisitos e complicados sortilegios, enganando assim os enfermos com « embustes y patrañas ».

Os indios dos — Pueblos — denominavam seus medicos-sacerdotes: *quamas* ou *cusiyacs*.

(46) Velasco—Noticias de Sonora pag. 280.

E usavam elles de uma therapeutica rigorosa a cujas dores o povo, docil, se submettia.

Aos velhos incuraveis não prodigalisavam cuidados; as vezes, appressavam-lhes a morte, suffocando-os.

O tabaco apparece como grande meio curador.

A fumaça, lançada por um tubo sobre a parte doente, não era desdenhada.

Nos casos extremos, em que o mal recalcitrava e não largava posse do enfermo, feriam o minimo da mão direita e deixavam que o sangue corresse sobre a parte affectada; afim de matar ali a molestia. Usavam da sangria; e muitas vezes applicavam formigas sobre a região do corpo suspeita.

Os abcessos eram abertos e sugados pelos *medicemen* (47).

Muitas vezes as praticas do curandeiro, ensinadas á familia, eram repetidas pelos diversos parentes successivamente. Quando um ferido adormecia, antes de ser declarado livre da morte, os parentes acordavam-no, assoprando-o conscienciosamente.

Espalhadas pelo Novo-Mexico, e pela região queos Yankees denominam Far West, existem curiosas construcções que os povos prehistoricos legaram ao tempo de hoje. Esses monumentos foram habitados por nações extinctas ou emigradas, cuja identidade, assim como a dos Mound-Builders, é ainda problematica. Esses povos são chamados Cliff-dwellers.

E, verdadeiramente, foram elles habitantes de rochedos. Nos valles dos rios S. Juan, Colorado, Grande del Norte, etc. espalham-se essas habitações, que Holmes dividiu em:

1º Low-lands, aldeias construidas em campo razo.

(47) Bancroft — loc. cit. pag. 568.

2º Cave Dwellings, cavernas abertas no rochedo e completadas com taipa.

3º Cliff Houses, verdadeiras fortalezas, que se dependuram sobre os cañons, gargantas petreas, por onde corre um dos rios citados.

È essas construcções se elevam, as vezes, a 25 metros acima do nível da corrente. As plantas de todas ellas mostram que a disposição interna é sempre a mesma. Constam de muitos e pequenos quartos; e de uma grande sala circular, que os Hespanhoes denominaram *estufa*.

Durante muito tempo essa *estufa* intrigou os viajantes. Suppuzeram-na um lugar de sacrificios, porque lá havia cinzas; acreditaram que fosse o cenaculo da tribu onde seus maioraes deviam resolver as graves questões vitaes da nação.

Si a maioria dos Pueblos—é o nome que se dá á essas aldeias, acha-se hoje deshabitada, ainda alguns, sete ou oito, dão abrigo a indios, que são os Moquis, os Keres, os Taños, os Zunis, os Pimas, os Papayos, os Jakis, etc.

È a observação dos costumes d'esses sobreviventes, quiçá, dos Cliff Dwellers, faz ver na mysteriosa *estufa* um temazcalli.

Ruiz, que por ter vivido entre os Moquis foi chamado—hijo del pueblo—e Castañeda, no que narram, fazem mais acreditar esse papel da estufa.

Os Sonorios tem, ainda hoje, respeitosa deferencia pelas plantas venenosas; e se acaso quebram ou magoam um vegetal dos taes, logo se atemorizam; cuidando no mal que lhes ha de vir de tão desastroso accidente. E' costume d'elles amarrar ao pescoço dos filhos pequenos, um *pataná* com plantas toxicas, para os livrar dos animaes ferozes e das molestias.

Os Opatas (Sonorios) tem, quasi todos, o bocio.

Os amigos e parentes dos enfermos, os abandonam depois de collocar, junto a elles, agua e fructos.

Para retemperar os membros inferiores, fatigados por uma longa marcha, usam do singular *systema* que é escarificar as pernas com agudos espinhos.

Nos casos graves, nos doentes importantes, esfregam pelo corpo folhas pisadas de agave americana.

As sementes do *maguacate* — são usadas como purgativo; e a *cenicilla* (teraina frutescens), como febrifugo. Fazem um decocto d'esta ultima planta, e o misturam com mel.

As folhas do salgueiro gozam a fama de antipyreticas.

Em Sinaloa a folha e a raiz do *guaco* são usados como antidotos do veneno ophidico.

Francisco Alegre, na sua «Historia da Companhia de Jesus, em Nueva España», conta que os Opatas curam-se da picada de cobra prendendo a cabeça do reptil entre dois paus e mordendo o corpo do animal; o indio nada soffre, diz o historiographo, enquanto a serpe incha e morre. As feridas, produzidas por flechas, são sugadas; e sobre ellas se pulverisa o *pevole*. Depois de ligeira suppuração clareia-se a chaga e dentro em pouco cicatriza; com o uso da raiz de *lechugilla*. As infusões vegetaes são muito usadas como bebidas ordinarias; é mesmo injuria grave offerecer a alguém agua pura para matar-lhe a sede.

Uma nota curiosa, essa, que o Mexico e a America Central fazem chegar á mente de quem os estuda: a civilização, no que tem de indigena, decresceu.

Quando os Hespanhóes tomaram pé nas terras da America, achou Cortez, nas do Anahuac, uma cultura de que os seus mais arrojados sonhos nunca haviam cogitado. Não topou n'essas paragens, que Moctezuma II governava, tribus bravias, tal as que Pedr'Alvares encontrou na porção meridional do continente, sinão povos que já se tinham enfronhado em complicadas crenças astrologicas, em plena evolução polytheica.

Por isso, o sacerdocio se havia affirmado mais ahi que em qualquer outra terra do chamado novo-mundo, que é talvez o mundo-ancião.

Mas o fulgor d'esse polido bem cedo se foi mareando por culpa de muitas causas; entre as quaes não foi menor a desidiõsa ganancia sanguinaria dos aventureiros europeus.

E assim os povos d'essa patria, que haviam conhecido o fasto desse adiantamento, se foram aos poucos immergindo nas sombras do primeiro estado.

Eis, porque tenho de visitar, no Mexico, tribus selvagens, que são as actuaes e as que viveram nos tempos mais nossos: e povos civilizados, nos quaes vou encontrar os que foram directamente victimas da aurophyllia européa.

A variola, a febre typhoide e a syphilis são as molestias que mais torturam as tribus Mexicanas selvagens.

A febre amarella raras vezes accomette um aborigene ⁽⁴⁸⁾.

Os accidentes traumaticos, barbaramente tratados, conduzem quasi sempre o enfermo ao descanso de uma bõa morte.

Os Huastecas, de Vera-Cruz, são perseguidos por uma especie de vermes (bicheira, berne?) que se implantam nos labios; cuidam esses indios que o sal é grandemente proveitoso no combater esses hospedes. Na aldeia de Comalá, estado de Colima, o numero de creanças congenitamente deformadas é grande; a surdi-mudez e o bocio são communs.

Uma dermatose, que já foi mencionada, e que recebeu dos hespanhoes o nome de *pintas*, cedeu essa denominação aos indios do sud'oeste do littoral: os *Pintas*. Essa molestia, que Bancroft acredita nascer da influencia do calor humido, caracteriza-se por manchas polychromicas, brancas, vermelhas, pardas e azues, sem que outro qualquer phenomeno apresente o enfermo.

(48) Bancroft—Native Races etc., Vol. I pag. 638.

Nos climas frios as manchas tornam-se dolorosas. Dizem que esta molestia é contagiosa; e nenhum meio conhecem de a tratar.

Outr'ora assolava frequentemente a região uma epidemia mortifera; era a *mattalzahuatl*, chamada *peste* pelos escriptores hespanhoes, que pensam ser o mesmo flagello que no seculo XI destruiu quasi toda a população do Imperio Tolteca.

A *mattalzahuatl* tem sido por alguns declarada muito semelhante á febre amarella; mas em nenhuma epidemia (1545, 1576 1736) ella preferiu os brancos.

Sempre se inclinou aos naturaes; e os seus maiores estragos eram contados no interior, na região mais fria do paiz.

A therapeutica soccorria-se tambem aqui de *temazcalli*; o banho de vapor era praticado como já vimos. Possuem os indios conhecimentos extensos de hervas medicinaes. Fazem com a gomma elastica pilulas medicamentosas.

As folhas de uma planta que chamam *cozalmecatl* ou *alcacaran* fornecem os elementos basicos da epicrisis de um mal. Laet conta assim, esse meio de prognostico:

« Notant barbari, folia parti affectæ aut dolenti applicata de eventu morbi præjudicare: nam si firmiter ad hæreant, certum signum esse cægrum convaliturum, sin decidant, contra »⁽⁴⁹⁾.

A molestia de um reune, em torno d'elle, os parentes e amigos, que discutem os meios de o bem curar.

Velhos curandeiros não faltam á conferencia; e logo praticam o ritual classico.

Dissolvem uma porção de salitre acompanhando a operação de mysteriosas palavras; e d'essa solução tiram uma formiga, ou um objecto qualquer que haviam adrede escamoteado.

(49) Laet — *Novus orbis*, pag. 271.

Mostram ao doente, e á assembléa, esse causador da molestia; e desde essa hora o enfermo deve estar curado. Muitas vezes isso falha; então, segundo o caso, applicam oleos animaes, infusões vegetaes, e agua fria, a soberana.

A febre, especialmente, é afogada n'ella.

As tribus do Sul do Mexico são todas bem industriadas sobre o valor therapeutico da sua flora.

Orozco y Berra, Herrera, o padre Baeza, affirmam os conhecimentos phytographicos d'esses selvagens. A origem das molestias é conhecida pelas virtudes magicas de um crystal escolhido e que denominam — *Zalzum*.

O tabaco é usado como herba santa; tudo cura.

A sangria tem seu lugar; é praticada com um osso de peixe ou uma lasca de pedra. As tribus da America Central não fazem a phlebotomia; escarificam a pelle em muitos pontos e sobre elles deitam sal. Usam o fogo para couterisar ulceras; e os *Chorategans*, extendidos entre o Oceano Pacifico e o lago Managua conhecem o clyster.

A tribu dos Mosquitos, habitante do littoral do golfo d'esse nome, repete as deformações cephalicas pelos processos que achamos no grupo Columbiano.

Unkribikum — é o nome dado a certa molestia de olhos que eu não posso determinar pelas falhas com que os viajantes a descrevem. A variola e a lepra grassam largamente.

O primeiro uso que fazem das hervas medicamentosas é pol-as sob a cabeça do enfermo; si a acção a distancia não se mostra util, dão novo destino, quiçá mais proveitoso, a essas plantas. Põem-nas em infusão; e administram a beberagem. O doente é cercado de varas pintadas; e a ordem lhe é dada de não permittir a visita de ninguem. A feiticeira traz o alimento ao preso. Approxima-se delle assobiando uma plangente toada; e

sobre a cabeça do paciente murmura, largo tempo, palavras de desencanto.

Durante a molestia nenhuma mulher grávida se pode chegar á casa onde geme o enfermo; nessa vedação se incluye aquelle que tenha enterrado um parente em tempo proximo passado.

A infracção d'essa regra traz males incontaveis, ao doente; por isso, si elle morre, appella a feiticeira para uma presumida contravenção. Nesse subterfugio immerge o prejuizo que essa morte possa causar ao seu prestigio.

Quando uma epidemia os visita os bruxos se reúnem em conferencia; consultam mutuamente os sonhos que lhes trouxe o somno da ultima noite e concertam as medidas de precaução e expurgo; um verdadeiro congresso de hygiene.

Espalham-se pela aldeia invocando dragões e monstros, que venham destruir o mal; e depois de envolver a povoação com uma cerca de paus pintados, portadores de figuras hediondas, para afugentar a molestia, declaram solemnemente a expulsão d'ella.

Muitas vezes essa pratica, mesmo feita com os cuidados todos de uma mysteriosa lithurgia, não traz ao povo o suspirado alivio; é que o espirito malsão não teme o exorcismo.

Praticos, mui praticos, são n'essa emergencia; pois que o mal não quiz sahir da villa, saem os habitantes; e deixam-no morrer queimado nas chammas que accendem nas casas deixadas.

A obediencia ás ordens medicas, emanadas das *sukias*, é cega.

Assim, diz Bancroft, não é raro ver um doente deitado sobre a praia, untado de sangue, exposto as intemperies, esperando a cura de seu mal; tudo isso, receita de uma *doutora*.

Usam as escarificações; e, para a febre, o tratamento é o banho frio, no qual o doente fica até que ella o deixe; ou que

elle morra. Em Honduras tiram o doente d'agua depois de curta immersão e massam-no perto do fogo; quando o suor o alaga e a fadiga quasi o aniquila, deixam-no dormir.

O sangue é tirado da espadua, da coxa ou da perna.

Conhecem hervas de valor emetico; e, na ictericia, administram vermes triturados.

A diéta é rigorosa para os enfermos; elles se alimentam de caldo de iguana.

As picadas de cobra são polvilhadas com raiz de guaco.

As tribus do grupo Isthmico (Guatusos, Guetares, Maryanillos, Mandingos, Bayanos, etc.) tem grande respeito aos sacerdotes: — *os piachas*. Na predicção, estes, são fortes; sobem a uma casa, d'essa altura consultam os espiritos, e falam á turba.

Os escolhidos para essa funcção começam aos dez annos a difficil aprendizagem; e sabem os velhos *piachas* preferir aquelles meninos que se mostram mais intelligentes e mais inclinados ao santo ministerio.

Durante um certo tempo esses noviços são adstrictos á praticas severas; não comem carne e só bebem agua.

Nenhum parente os póde ver; á noite, fóra das indiscreções da luz, são iniciados nos mysterios da nigromancia. Esses mestres, que velam pelo preparo dos futuros *piachas*, são chamados *tequinas*.

Dizem que os *piachas* annunciam um eclipse de lua com tres mezes de antecedencia ⁽⁵⁰⁾. Registro o facto; e não discuto, por mingua de esclarecimentos, essa astronomia apurada ⁽⁵¹⁾.

Gomara diz que os *tequinas* são odiados muitas vezes pelo mal que fazem ás crianças invocando, crê o povo, os maus espiritos. O sacerdote era tambem o medico.

(50) Bancroft — loc. cit. pag. 777.

(51) E' sabido, no entanto, que os Nahuas e os Mayas tinham seguras noções de astronomia.

Os autores dizem, todos, o grande conhecimento que têm esses indios das hervas de curar. Contra a syphilis usam o pau de *guayacan*.

A bicheira é tratada com cinzas de palha. Chamam *chegoe* ao *pulex penetrans*.

São victimas de uma affecção cutanea semelhante ao eczema; os que d'ella adoecem são chamados *carates*.

A sucção da parte dorida é o principal meio therapeutico do piacha, nos casos simples.

Quando o mal é de maior gravidade essa operação torna-se mais trabalhosa; mas o piacha acaba sempre extrahindo a causa morbida. Provocam o vomito pela titilação uvular; e praticam a sangria na cura da febre.

A maneira d'essa phlebotomia é inteiramente singular.

Guarnecem a ponta de uma flécha para que esta não penetre além de um certo comprimento; e atiram-na com um arco, sobre o paciente, uma, duas, e mais vezes, até que uma veia seja ferida.

Usam a escarificação nas pernas fatigadas par uma longa viagem.

Uma classe de feiticeiros é celebre pela menção que d'ella faz Oviedo. Comprehende os chamados *chupadores*; nome que os hespanhoes deram á individuos que iam sugar, á noite, o umbigo de suas escolhidas victimas. No findar de certo tempo o chupado era um esqueleto que dançava n'um sacco de pelle; em pouco mais, fallecia. O terror tradicional que os *chupadores* inspiravam; a estranha e forte sensação, que deve acompanhar essa pratica, paralytavam as victimas que se deixavam matar lentamente pelos *protegidos do diabo*.

A conservação do cadaver de um cacique, que ás vezes se pratica, faz-se pela fumaça de hervas cheirosas que se queimam.

Os povos civilizados da America central gruparam-se em duas grandes familias de origem ethnica provavelmente commum.

A que primeiro dominou foi a familia Maya ⁽⁵²⁾ extendida pelo Yucatan, Chiapas, Guatemala, Honduras etc.

Os Mayas tinham direcção espiritual separada; mas o grande sacrificador era ouvido pelo rei, ou pelo — *Huehue* — velho, escolhido para dirigir as pequeninas republicas communaes que tanto se espalhavam pelo territorio. Uma assembléa legislativa auxiliava o governo; era chamada *Monexico* e se compunha de anciãos, eleitos por quatro luas. O polytheismo imperava entre as nações Mayas e Nahuas, das quaes muitas evoluíam ainda em plena astrolatria, e algumas jaziam mesmo no primeiro estado.

O astrologo — *Ahghih* — era consultado para marcar o dia em que devia ser cortado o cordão umbilical da creança recém-nascida.

Sobre uma espiga de milho praticavam essa operação solemne; e esse milho era guardado para ser plantado na estação propria.

A deusa *Ixchel* presidia ao parto; e, por isso, sua imagem era posta junto á cama em que gemia a parturiente. Si o trabalho se prolongava a soffredora confessava as suas culpas acreditando que assim o apressava; d'esse modo muitos crimes eram descobertos, sobre tudo, quando o marido era obrigado a unir sua confissão á de sua esposa. Da lingua e das orelhas do esposo tiravam sangue para praticas de exorcismo; e muitas vezes uma parteira apressava o trabalho, pondo, sobre o ventre da mulher, pedras aquecidas. É facil comprehender a efficacia do processo; a excitação thermica activa a contracção do musculo uterino.

(52) de Nadaillac — Amerique préhistorique.

A circuncisão é discutida pelos autores que descrevem as civilizações Maya e Nahua.

Brasseur affirma; Palacio hesita; Cogolludo nega.

Os pequenos tinham o rosto queimado com pannos aquecidos, para impedir a barba, tida em horror.

As mulheres faziam limar os proprios dentes; era o requinte da elegancia.

Uma pedra escolhida, e agua, era o necessario para isso.

Sarjados viviam os devotos nas orelhas, no corpo, no penis, pelos muitos sacrificios, que faziam aos deuses, das gottas de seu sangue. E até a lingua era perfurada apesar de sua tão rica vascularisação. Geral o uso dos banhos, medida de méra limpeza.

Os Mayas eram especialmente atacados pela syphilis que Oviedo chama «propria plaga desta tierra». Herrera diz que eram muito sujeitos a molestias do aparelho respiratorio. Innumeros, os medicos. Os autores são contestes em elogiar o conhecimento que tinham das praticas curativas. O clyster tinha grande uso; e das hervas a mais empregada era o tabaco.

Aproveitavam-no no tratamento da asthma, do rheumatismo, das bronchites.

O *guayacan* era o anti-syphilitico classico. Uma pasta de vermes venenosos, esmagados, era o remedio soberano para frieiras. As feridas curavam-se com pó de carvão; as ulceras, com o decocto de *coygaraca* ou de *mozot*, hervas da região.

O cacau, privado da sua substancia oleoginosa (manteiga), era reputado contra veneno.

O medico, chamado para tratar de um grande, não sahia de junto d'elle antes que fosse bom ou morto.

A doença grave, sendo devida a um crime não confessado pelo enfermo, o medico arrancava d'este o segredo da falta, que era muitas vezes um velho peccado a meio esquecido; e que a imaginação torturada do doente revivia. Pelo tamanho do crime

o doutor avaliava o dos sacrificios que deveriam ser feitos para salvamento do cliente.

Um deus milagroso, curador de enfermos incuraveis, que aos mortos dava vida, era *Yzmatul*.

Uma grande mão figurava esse deus, á qual chamavam *Kabul*, que os hespanhoes traduzem *mano obradora*.

O sacrificio, que aos deuses se fazia para pedir saude, variava entre lindes distantes. Si era leve a molestia bastavam alguns pequenos animaes; si mais forte, sacrificavam-se escravos ás iras divinas.

E mesmo um filho do enfermo muitas vezes, nos desesperados casos, pagava com a sua morte a esperada cura de seu pae.

A era do predominio dos Nahuas, que se estabeleceram pelos estados da região septentrional do Mexico, é dividida segundo a successiva hegemonia dos povos d'esses nomes, em periodo Tolteca, periodo Chichimeca, durante o qual floresceram tambem os reis de Tescuco, e periodo Azteca; este foi o ultimo do Mexico barbaro. Ao lado d'essas nações, esmagadas por ellas, outras muitas se formaram, cujos nomes não nos importam; tanto mais que elles se baralham lamentavelmente nos escriptores que as tem citado. Os costumes pouco variavam.

Ao ter conhecimento de sua prenhez a esposa annunciava esta nova aos amigos e parentes da casa.

E festejava-se então a noticia; banquetes e sacrificios, discursos e preces gastavam-se na cerimonia. Durante a gestação a mulher era cercada de cuidados; esses mesmos que faltam hoje ás mulheres proletarias do mundo inteiro cujo trabalho é a maior vergonha de que se devam pejar os civilizados da hora actual.

Bem tratavam de evitar as circumstancias que pudessem maleficar o feto; não dormiam durante o dia, para não entortar a

bocca do filho; nem se chegavam ao calor do fogo para que elle não soffresse a má influencia da temperatura.

Temiam qualquer trabalho arduo; e era a mulher escrupulosamente poupada ás torturas da ira e a qualquer forte excitação cerebral. A ingestão do *tzicli*, acreditavam, fazia endurecer o veu do paladar do feto, e, d'esse modo o impossibilitava de mamar, quando fosse nascido.

Neteutzoponiztli — era uma molestia causada pelo uso materno da mesma substancia. A abstinencia sexual completa dos esposos era considerada injuria ao filho em gestação. Nas proximidades do parto outra festa se celebrava. E o mais velho dos presentes tinha a palavra para aconselhar a esposa grávida; recommendava-lhe o *xuchicalli*, banho, dado sob o auspicio de *Xuchicaltzin*, deus das abluções e de *Yoalticil*, deusa dos nascimentos. N'essa occasião indicava a mais competente parteira, *ticill*, em seu juizo.

Esta *ticill*, rogada pela mãe da parturiente e pelas mulheres da familia, jurava empregar o seu saber em bem cuidar da gestante. Muitas vezes, diversas parteiras eram simultaneamente convidadas, para que uma pernoitasse com a mulher, até resolução da prenhez.

Zuazo diz que só uma d'ellas era a parteira; as outras simples testemunhas de que o parto fora real ou supposto. Ao começar o trabalho, chegada a *hora da morte*, nome dado a esse momento, levavam a parturiente para um quarto preparado; ensaboavam-lhe os cabellos e imergiam-na no banho, cuja agua não era muito quente para não queimar o feto.

Então, a parteira comprimia sabiamente o abdomen da paciente, para por em boa posição a creança. Quando o trabalho demorava davam um decocto de *cihoapalli*; e si esta herva não bastava provocavam vomitos com o talo do *tlaquatzin* — ou — *tlaquatl*, emetico poderoso.

Os rogos e as préces subiam também aos deuses nos casos embaraçosos. Si reconheciam a morte do feto extrahiam-no em pedaços; ou deixavam que a mulher com elle morresse, si a familia assim queria.

Mocioaquesque — chamavam á pobre que assim fallecia: e era levada a enterro no templo das *mulheres celestes*. E como o corpo d'essas coitadas possuia, na crença do povo, virtudes de talisman, d'eile arrancavam o dedo medio da mão esquerda, que conferia o privilegio de vencer batalhas.

Os soldados, então, tudo faziam por obter um d'esses funebres e tristes amuletos.

O parto duplo era uma desgraça; um annuncio, que os deuses mandavam, de que um dos nascidos havia de ser assassino de seu pae. Então, para desmanchar a contingencia parricida, era morto um dos gêmeos.

Terminado o parto feliz a parteira lançava um grande grito; lavava a creança, vestia-a; e dava-lhe conselhos para viver em futuro.

Á deusa da agua, *Chalchiuitleue*, implorava a valiosa assistencia para o recém-nascido. Alguns dias depois do parto a parida banhava-se no *temazcalli* e quebrava a dieta em que até então se tinha mantido.

O aborto praticava-se muitas vezes embora fosse crime de pena capital.

A circumcisão era uso.

Las Casas diz que a creança, levada ao templo, era circumcisa pelo grão sacerdote, que depunha cinzas quentes sobre a ferida do prepucio. Si era do sexo femenino, o padre praticava a defloração com o proprio dedo; recommendando a mãe que repetisse essa operação no sexto anno da filha ⁽⁵³⁾.

(53) Bancroft.—Native races. Vol. II pag. 279.
These L — 4

As mulheres Mistecas durante vinte dias, após o parto, banhavam-se n'agua quente.

A deformação crancana dos filhos pequenos era usual nos Nahuas e nos Mayas. Em geral tinha a forma descripta na terceira especie do primeiro genero; era a *deformação da coragem*.

Bancroft faz notar o gráu de ingratidão em que os escriptores da conquista se mantiveram para com os povos da America, no que entende com a sua medicina, que tanto contribuiu para a nossa.

Os povos do Mexico, em particular, não mereciam o esquecimento infeliz.

Felippe II, rei de Hespanha, ao receber o dominio Mexicano, para ahi mandou seu medico, Hernandez, em commissão de estudos de historia natural.

Auxiliado por habéis indigenas esse doutor publicou uma obra em 35 volumes ⁽⁵⁴⁾ (Nova plantarum, etc.) onde vêm descriptas as plantas que achou, e as propriedades uteis que tinham. Sahagun tambem descreve muitos vegetaes usados na medicina mexicana.

O que nos importa é saber que o exercicio da medicina tinha os favores do rei.

Grandes e bem tratados jardins agasalhavam, n'uma cuidada selecção, todas as plantas activas que se colhiam em todas as regiões do paiz. Ahi, iam buscal-as os doutores, a cuja disposição ellas se achavam. Aos medicos da cõrte cabia a tarefa de estudar as propriedades uteis e nocivas d'esses vegetaes; e elles mesmos iam colhel-os, viajando pelo territorio. Os Nahuas eram sadios; a longevidade commum.

Ainda hoje, diz Bancroft, o numero dos macrobios é grande.

Antes que a molestia, os hediondos sacrificios polytheicos ceifavam as vidas moças.

(54) Bancroft.—Native races. Vol. II pag. 592.

Os disformes, os aleijados, eram tão raros que Moctezuma, o ultimo rei, guardava uma collecção d'elles como raridade capaz de distrahir seus hospedes.

Mallazahualt era a peste temivel que os assolava e que muitos crêm, como eu já disse, ser a febre amarella.

Certas nações eram especialmente sujeitas (*Tepanecas*) a uma molestia que se caracterisava pelo edema generalizado e pela diarrhéa. O povo acreditava que esse mal vinha da privação de alimentos, da má nutrição.

O celebre *Ixtlil'xochitl* conta que no anno 1450 uma molestia respiratoria, epidemica, roubou á vida a maioria dos velhos.

Os hespanhoes trouxeram ao Mexico a dissolução dos seus costumes e vicios; o povo vencido, oppresso e mal tratado, esqueceu as salutaes praticas hygienicas que pela lei de seus paes eram obrigatorias; e novas doencas surgiram nesse meio tão preparado.

Um preto do navio de Narvaez levou a variola, dizem, aos povos do Mexico d'onde ella alastrou.

É celebrada grandemente a paciencia do enfermo mexicano. Homens, mulheres e creanças possuiam, todos, o conhecimento das hervas; por isso, a si mesmo se tratavam. O espectaculo de morrer era tão usual aos olhos dos Nahuas, pela mesma contingencia de seus ritos sanguinarios, que elles se abandonavam muitas vezes á molestia, esperando a gelida hora com a calma de Job, leproso e paciente. Sahagun, especialmente, faz notar esse facto.

Mas o desprezo da molestia não trazia o abandono dos enfermos; eram tratados carinhosamente pelos amigos. Os Chichimecos, cães, como os chamavam as outras tribus, trucidavam o doente, para o livrar das dores crueis do mal e mandal-o mais depressa... ao lugar onde o soffrer não vive, e onde as magoas são lembranças.

Esse caridoso assassinato praticava-se mergulhando na garganta uma setta escolhida.

O temazcalli imperava nos domínios Moctezuma. Cada uma das familias abastadas tinha um para seu uso ; e a pobre gente se associava para o possuir. Não tinham, estes temazcalls a simplicidade dos que já descrevi.

A architectura Mexicana elevou-se de certo bem mais alto que o poderiam esperar os europeus que ali chegaram. A sumptuosidade das construcções não se divorciou do gosto artistico nos monumentos de eterno esplendor que juncam o solo d'essa porção d'America.

A casa de banhos era, pois, cuidada com especial esmero ; a exemplo do balneator romano, um escravo ajudante, adstricto ao serviço hydrotherapico de suas altas senhorias, servia os ricos mexicanos.

Não desconheciam a benefica influencia da mudança de clima.

Segundo Herrera, o estado de Michoacan recebia os doentes em trabalho de cura ; para lá mandavam os medicos os seus recalcitrantes enfermos.

Em todas as grandes cidades existiam hospitaes, mantidos pelo governo, onde a doce arte de curar era praticada pelos mais experimentados doutores.

Os medicos mexicanos eram probos e caridosos ; pouco ganhavam. Mas, os habitos infelizes dos seus collegas hespanhóes, bem depressa desmoralisaram a classe, pela inveja corroente dos brancos.

Contam que um celebre doutor de Michoacan, accusado de charlatanismo, foi levado ao collegio medico de Mexico. Respondeu elle ao gravame convidando os juizes a cheirar certa planta. Uma grande epistaxis sobreveiu ; o accusado pediu aos sábios que sustassem essa hemorrhagia.

Mas os sabios de tal collegio nada conseguiram. O pretenso chalatão administrou, aos pacientes, um pó do seu segredo e logo o sangue estancou a corrida:

« Eis meu valor », disse, « e o modo pelo qual eu curo os meus doentes ».

E ninguem poderia achar eloquencia mais defensora que essa.

O deus da medicina venerado pelos Nahuas, o Esculapio Mexicano, vestia as roupas de *Oxomocipactonall*, ou de *Tlatecuin-xochicaoca*, os inventores da medicina, os primeiros herbolarios d'essa raça. Começada a profissão, por esses dois, cresceu graças ao systema social em que as castas se separavam nitidamente, e ao uso que disso decorre, de cada filho seguir o officio de seu pae.

E foi altamente cotada a pratica da medicina; revestindo de honras gloriosas aos que n'ella se mettiã.

As condições religiosas d'esses povos levaram grande contribuição ao desenvolvimento d'arte medica.

Os sacrificios humanos, exigidos pelo culto, privavam periodicamente, da vida, centenas de pessoas.

Torquemada assegura que nas festas celebradas por occasião de ser dedicado o templo de Huitzilopochtli, em 1487, pereceram ás mãos sagradas dos padres 72,344 infelizes. Os sacrificadores já não tinham musculos capazes de vibrar a faca de obsidiana; já não podiam rasgar o peito das victimas para arrancar ainda vivo o coração; o cansaço tetrico do assassinato invadia-lhes o corpo.

Então, iam dormir tranquillos, e sorridentes da gloria que haviam ganho em seu mister; mas outros, já descansados, tomavam da pedra cortante. Só o povo se não fatigava da phantastica mortandade; e respondia com alegre vozear aos roucos signaes das victimas, porfiando por obter, dos corpos ainda quentes,

o melhor pedaço. O sacerdote muitas vezes dissecava a pelle do sacrificado, como um só panno, e vestia-se com ella. No seu corpo ficava esse despojo até que apodrecesse e caísse aos poucos.

As noções anatomicas foram facilitadas por esses sacrificios. A instituição dos jardins botanicos e dos hospitaes desenvolveu os conhecimentos medicos dos Nahuas.

As mulheres eram tambem doutoras; sobre tudo parteiras.

Brasseur de Bourbourg diz que possuiam escriptos de observações medicas; verdadeiros tratados. E Cortéz, nas suas *Cartas*, fala em boticarios estabelecidos nas ruas das grandes cidades.

Mas, ainda assim adiantados, recorriam a praticas absolutamente selvagens.

As feridas do couro cabelludo eram lavadas com urina e untadas com pomada de fuligem.

A clara de ovo, muito empregada nas feridas.

Comiam o animal chamado *Tapaiavin* para clarear o rosto tostado.

A cataracta era raspada e extrahida ⁽⁵⁵⁾.

Nas ophtalmias cortavam a palpebra; levantavam-na, com um espinho, e lavavam tudo com leite de mulher. As belidas eram curadas com banha de lagarto.

O orvalho da manhã era remedio para a bronchite infantil.

A rouquidão curava-se com mel e applicações externas de gomma elastica.

Costuravam as feridas dos labios com fios de cabelo. Um certo insecto, pulverisado, era odontalgico; e muito se recomendava cuidar dos dentes. A gagueira era devido, acreditavam,

(55) Bancroft—lac. cit. vol. II, pag. 599

a uma longa amamentação. Sobre os bubões, (syphiliticos ou não) applicavam limalha de cobre. Nos casos de fraqueza infantil o remedio era dado á nutriz. Nas contusões thoracicas davam a beber urina na qual houvessem fervido um lagarto.

O prosaico clyster, que o genio de Poquelin de Molière immortalisou e que tem sido um dos esteios da Medicina de todas as épocas, era empregado. O medico fazia passar o liquido, da propria boca, por um femur de garça a guisa de tubo.

A jalapa, a *tacuache*, a *amamaxtla* eram os purgantes usuaes; *axixpatli*, e *axixtlacatl*, diureticos; *mexochill* e *neixcollapatli* emeticos; *izticpatli* e *chatalhuic*, anti-pyreticos.

Os balsamos usados provinham do *huitzilochill*, do *huaconex*, e da *maripenda*.

Tlapall, *chile*, *ocoll* eram as plantas que davam oleo melhor.

O vinho, *octli*, quando não administrado puro, como excitante, servia de vehiculo a grande numero de drogas.

As pedras tambem contribuíram no alargar o arsenal medicamentoso.

A *aztell* applicada ao nariz detinha a epistaxis; a *xiuhtomoltell*, pulverisada e deglutida, curava a cardialgia.

A carne da onça aquietava o desejo sexual; e a pelle, os ossos e as fezes d'esse animal, queimados e pulverisados, eram antidotos da insania.

As picadas de cobra, depois de escarificadas e sugadas, eram cobertas com uma cuticula tirada da *maguey*, a planta celebre da região. As fricções de tabaco, a *coanenepilli* e a *coapatli* eram antidotos do veneno. Nas fracturas, alem do aparelho de tala, usavam gommas e oleos; e, si o trabalho de consolidação demorava, os fragmentos eram attrictados.

Pelo que diz Bancroft praticava-se até a osteo-synthese.

N'essas operações dolorosas, e tambem em certos sacrificios, onde a crueldade se requintava, lançavam mão de anesthesicos.

O pó de *yauhtli* tinha effeito narcotico. Acosta fala nos sonhos venturosos provocados pelo *alilihuqui*, planta que entrava na composição do *teopatl* ⁽⁵⁶⁾; divino remedio que ainda contava na sua formula a gomma elastica, o tabaco, o oleo de ocotl e agua santa. Só os padres dispensavam o *teopatl*; e aos doentes mais graves.

A sangria era praticada com a faca de obsidiana; ou com a espicula do porco espinho. A alveitaria era cultivada; e Oviedo afirma que nos jardins zoologicos de Montezuma existiam, aggregados, habeis veterinarios. Nas molestias avultavam as preces, sobre tudo, feitas ao *Teleionan* pessoal, especie de anjo da guarda.

Em certos casos de cura difficil, quando a arte se sentia exhausta de bons recursos, empregavam o ultimo: faziam uma figura de fubá de milho e agua; collocavam-na sobre uma folha de maguey que era levada para a estrada, representando a molestia; o primeiro viajante a passar, conduzia-a caridosamente para longe da habitação do inferno; e este, muitas vezes, ao saber que a folha já não estava onde a haviam posto, mostrava-se melhor ou curado. Effeito, talvez, da psychotherapia.

Consultavam a sorte sobre a salvação do enfermo atirando vagens para o ar; si ellas cahiam perpendicularmente ao solo era signal de morte; abandonavam o doente.

Tambem experimentavam com pequenos anneis de corda; bom signal era si cahiam espalhados; si apenas alguns, na queda, se affastavam, era menor a esperanza; e essa desaparecia si os anneis desciam em monte.

Na America do Sul o primeiro povo que devo visitar, para seguir a marcha geographica que venho trazendo, é o Chibcha ou Muysca, primitivo habitante da Columbia.

(56) O *teopatl* parece ter sido tambem um poderoso revulsivo.

E' uma visita retrospectiva; pois que elle desapareceu na civilisação hespanhola que Pizarro trouxe.

Mas os Muyscas não tinham, digamos bem, uma cultura separada; reflectiam as luzes do adiantamento em que ia evoluindo o grande imperio dos Incas; soberanos que dominaram quasi toda a porção occidental da parte sul do continente, ou representavam uma colonia Nahua, que houvesse caminhado para ahi. As noticias que tenho dos medicos muyscas são nullas, quasi; sabemos que o povo vivia em regimem theocratico, governado por um grão sacerdote — *Yeque*, cuja autoridade temporal repar-tira com dois chefes: *Zipa e Zapa*. O Yeque tinha a fama de poder transmutar homens em animaes ⁽⁵⁷⁾.

A esses chefes, guardavam os Chibchas as honras do embalsamamento. Retiravam as visceras, e no lugar d'ellas depunham resinas odoríferas. O corpo, ricamente preparado, era enterrado n'um lugar secréto, cuja situação ainda hoje se ignora ⁽⁵⁸⁾.

No Imperio peruano prehistorico Rivero e Tshudi distinguem, verdade é que apenas se baseam sobre o valor, negativo aliás, da cranialogia, tres raças: a dos *Chinchas*, espalhada entre Atacama (deserto) ao sul; Tumbes ao norte; os Andes, á léste; e o Oceano á Oeste; a dos *Aymaras*, habitando as alturas Ando-Bolivianas; e a dos *Huancas*, vivendo entre os Andes e a Cordillheira, na lattitude de 9° á 14° sul. A familia dos Incas, na insinuação de Rivero e Tshudi ⁽⁵⁹⁾ representava os restos dos Aymaras, que haviam conseguido dominar seus patricios.

O privilegio, escrupulosamente guardado aos filhos do Inca, de aprenderem o que quisessem; o limite da expressão, que ainda não usava a escripta, prohibida, e só dos quipos ⁽⁶⁰⁾ se servia

(57) Julio de Moura—O homem americano, pag.197.

(58) de Nadaillac—Amerique prehistorique, pag. 463.

(59) Rivero y Tshudi—Antiguidades peruanas.

(60) Quipos — são ordeis diversamente corados cuja combinação traduzia simbolicamente nomes phrases.

no gravar os factos; foram os principaes tropeços que encontrou o progresso scientifico no Perú. A triste arte da guerra foi cultivada, para satisfazer á indole conquistadora, já em declinio, do estado mental em que jazia então a estirpe incasica. A sciencia não era trtada pelos sacerdotes; vivia aconchegada aos velhos experientes que eram os *Amautas*; sabios que viviam nos *Yachavasi*, casas de ensino.

O medico do Inca era um escolhido Amauta; mas o povo dispensava quasi sempre o sabio; e se soccorria de um igual, experiente no conhecer o mal e as hervas.

Os doutores grande valor davam ao estado da lingua do enfermo; si era saburrosa, receitavam a raiz de *huachancana*, euforbiacea de effeitos semelhantes aos do emetico.

Os de outr'ora, como os indios hoje, usavam a cascara sagrada, a *checasoconche*, a *chenchelcome*, a *'chillca*, a *chinapaya*, a *chucumpu*, a *huaera-huaera*, a *huarituru* (*valeriana coarctata*) a *llmapñahu* (*negretia inflexa*), a *ratanhia*, a *matecllu*, a *masca*, a *moho-moho*, a *mulli*, a *pahataquia*, a *panqui*, a *tasta*, e etc.

O cordão umbellical era reputado medicamento das molestias infantis; e o couro da anta (*tapyrus americanus*) excellente anti-epileptico.

Os amautas aconselhavam a sangria que, dizem Tshudie Rivero, mais se assemelhava a nossas ventosas escarificadas ⁽⁶¹⁾.

A cirurgia era nulla, quasi; contusões, fracturas, feridas, abcessos, eram tratados com hervas.

As fracturas com a *huarituru*; e no littoral, com algas marinhas. Os partos eram assistidos pelas velhas; não tinham parteiras especiaes.

Ainda hoje os indios atravessam grandes regiões para vender suas plantas medicas ás populações das aldeiolas isoladas.

61) Vshudie Rivero—Ant. peruanas pag. 123.

Broca, estudando os craneos trepanados que o Sr. Prunières achou nas jazidas prehistoricas de Aiguières, em 1868, chegou á duas conclusões que formulou d'este modo:

1º Durante a época neolithica praticava-se a abertura cirurgica do craneo humano com o fim de curar certas molestias.

2º Os craneos dos individuos que sobreviviam a essa trepanção eram suppostos dotados de virtudes curativas; e por morte d'esses individuos tirava o povo de seu craneo, amuletos osseos tallados na visinhança do orificio da primitiva operação. São estes, os craneos que soffreram a trepanção posthuma⁽⁶²⁾.

O achado de Prunières não se isolou; successivamente foram encontrados outros craneos abertos em todo o mundo.

Squier apresentou á Sociedade Anthropologica de Pariz um craneo peruano trepanado no frontal.

A ferida ossea é quadrada; em contrario ás dos outros craneos achados, que são ovulares.

Broca e Nelaton estudaram esse craneo; e pelos caracteres dos bordos osseos do orificio, calcularam que havia sido aberto quinze dias antes da morte. Os craneos peruanos trepanados são bem estudados pelo professor P. Mantegazza⁽⁶³⁾.

Na America do Norte foram achados craneos abertos pela trepanção; e tambem no Brasil⁽⁶⁴⁾.

A technica d'essa operação era simples: levantado o couro cabelludo por uma incisão em T, o osso era raspado com uma lasca de pedra ou com uma concha.

Facto notavel: só um dos craneos tem signal de osteíte; a maioria dos outros tem os bordos em via de cicatrização, nas partes que não foram attingidas pela trepanção posthuma⁽⁶⁵⁾.

(62) Joseph de Baye. La trepanation prehistorique. Pariz 1876.

(63) Archivio per l'anthropologia, 1886. XVI vol.

(64) Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro: carta de Lund.

(65) Revue d'anthropologie, Tome II 1873. pag. 18 e Tome VI 1877, pag. 1 e 193.

A trepanação cirurgica, na crença de muitos archeo-anthropologos, era feita na epilepsia; o *mal sagrado* de muitos povos.

Ao falar dos craneos devo dizer que Tshudi e Rivero acharam no ventre da mumia de uma mulher gravida, um feto de 7 mezes cuja cabeça tinha a deformação que elles dão aos Huancas. este facto parece provar que a deformação craneana, artificial, já se tinha tornado atavica.

Virchow dava aos craneos peruanos a particularidade do osso interparietal; Anoutchine mostrou que esse chamado osso dos Incas era tão commum nos craneos peruanos como em qualquer outro; foi mais um merecido *fiasco* da presunçosa e futil craniologia.

Barreda descreveu o processo usado no Perú para embalsamar os Imperadores.

Como os Egypcios, extrahiam o encephalo pelas fossas nasales depois da fractura da lamina crivada do ethmoide. Arrancavam os olhos e entupiam as orbitas de algodão.

Os órgãos splanchnicos eram retirados e as cavidades onde haviam estado, cheias de um pó amarello, cheirando á therebentina, que faz effervescencia com a agua e absorve a humidade. Barreda suppõe ser uma mescla de resina, cal e argila. A face era untada com oleo côr de laranja.

Rivero e Tshudi desmentem D. Barreda; para elles «esta descripção é un mero juego de fantasia del Señor Barreda»...

Estes autores attribuem ás condições de meio, a mumificação dos cadaveres, que é então puramente accidental.

Mas, isso que venho narrando n'essas linhas de rapida descripção, é o que nos mostraram os povos indigenas civilizados da America meridional. Sua cultura influenciou os que immersos

em maior atrazo, ainda assim os conheceram; e são algumas tribus da bacia amazonica e das terras andinas, em sua parte sul.

Os selvagens da America do Sul eu divido em 13 grupos repartidos em duas grandes zonas geographicas. Na zona Oeste-Sul achamos os grupos: Antisiano, Chiquitiano, Araucano, Pampeano e Fuegio.

È na Leste-Norte encontramos os grupos: Tupi, Gê, Aruak, Carahiba, Miranha, Pano, Goytacaz e Guaycurú.

Os Yuruacarés formam a nação principal do grupo Antisiano ⁽⁶⁷⁾; habitavam entre S. Cruz de la Sierra e Cochabamba.

Para elles a molestia era devida á má influencia de um espirito damninho.

Não reprehendiam seus filhos para não adoecer, ou morrer até, si a reprimenda fosse grande. O puz dos abcessos era dado a certas formigas; para que o mal não ganhasse todo o corpo do enfermo.

Como purgativos empregavam o fructo das arvores que denominavam *tomochi* e *soto*; e, si o doente fallecia, arrancavam essas plantas, por castigo.

Seus medicos sentavam-se ao lado do enfermo e fingiam tomar-lhe a alma entre as mãos; examinavam-na ás escondidas e voltavam ao doente, marcando os dias necessarios á cura.

O arco-iris dava á esse povo esperanças bem diversas d'aquellas habitualmente n'elle vistas por nós outros; era presagio tétrico de molestias.

E pois, amaldiçoavam-no. O canto de certas aves, que suppunham viuvias, era certo indicio de epidemia.

Si o trovão estalava enquanto padecia alguém, criam que era a voz da morte, á chamar mais esse.

(67) Pi y Margall — Historia de America. Vol. 1, pag. 586.

Pobre do estrangeiro cuja chegada coincidia com a vinda do relampago!

Elle trazia em seu seio a calamidade aninhada; cuidado houvesse o portador do mal!

A donzella pubere, no seu primeiro anno de mulher, não devia falar aos mancebos da tribu; ou seus filhos nasceriam mortos, si algum outro mal, de uma comprida lista, lhe não occorresse antes.

Ao cansaço oppunham a sangria das pernas.

Ao sul do Rio Guaporé, á oeste do Paraguay e norte do Gran Chaco, distribuiam-se as tribus Chiquitianas.

Na guerra o chefe era general; e o mesmo, sacerdote nos bons dias de paz. Assim, a confusão dos poderes é clara. Esse cacique era o medico. Certas molestias attribuiam á carne de veado ou tartaruga; a alma d'esses animaes vingava-se de quem lhes havia roubado o corpo d'elles, entrando no do roubador.

O odio de uma mulher da tribu, dava molestia ao odiado; o medico revelasse o nome d'essa, e era morta a pobre. Pi y Margall fazem ver que os civilisados não faziam outra cousa na Idade Media.

A tribu dos Manacicas vivia em pleno polytheismo, dizem; mas as indicações são falhas sobre elles. Os Samucus quando enfermos entregavam-se ao sacerdote; e este marcava o numero de fumaças á tirar do rólo de tabaco que o doente devia aspirar. findas as quaes, era uma vez o mal...

As tribus do grupo Araucano occupam os vertentes occidentaes, o dorso dos Andes, e ainda vagueiam (Aucas) nas planicies pampeanas ⁽⁶⁸⁾. Conheciam a astronomia segundo affirma Pi y Margall.

(68) D'Orbigny — Voyage dans l'Amerique meridionale.

Perseguiam com affinco os feiticeiros; mas davam poderes sobrenaturaes aos *machis* ou medicos. Quem via a cobra *piuchen* tinha seus dias contados para morte proxima. A morte de um *quirque*, dava sorte ao matador. Nas molestias mais graves, esse animal era um remedio usual de acreditada efficacia.

Um factio interessante, que se affirma como verdade, é o uso que faziam os Araucanos do systema metrico decimal. Os *machis* attribuiam as enfermidades á acção dos venenos administrados por inimigos vingativos; e em vez de curar do atacado, porfiavam por descobrir o attaccante. Mandavam accender fogueiras em redor da habitação do doente; n'um dos cantos da casa punham ramos de louro e de canella e sobre esses dependuravam o tambor magico, o *rali*.

Enquanto as mulheres cantavam, tristemente, o *machi* incensava, com o fumo do tabaco, o doente, o *rali* e uma lhama, adrede preparada para o sacrificio.

Arrancavam depois o coração d'este animal, chupavam o sangue, borrifavam com elle os ramos de loureiro, tangiam o *rali*; e procuravam sobre o enfermo o veneno que ahi devia existir. Depois de passes complicados, cahiam no chão em contorsões; finalmente revelavam que mal era a molestia, que remedios se deviam applicar e quem na havia produzido. Essa ultima noção, como é claro, accendia a discordia entre as familias do enfermo e do supposto malfeitor. Mas esse complicado ritual só era praticado quando falhava a therapeutica usual baseada, esta, no conhecimento de algumas plantas medicinaes.

No grupo Pampeano as tribus proeminentes são a dos Puelches e a dos Charruas; pois que os Guaycurús formam um grupo da classificação de Martius e de Von de Steinen.

Habitam, os primeiros, as planicies austraes do continente; estendem-se pela Patagonia e se vam encontrar com os Fuegios do extremo sul.

A nota predominante, relativa ao assumpto, é o temor excessivo, o respeito exaltado que tem pelos seus medicos. Guardam uma submissa e silente compostura ao passar junto a um sepulchro em que um doutor descança; apressam o passo, e cuidadosos se mantem, até se distanciarem d'elle

Esses medicos são intimos de *Hualichü* — o máu espirito; e a sua therapeutica limita-se á « los mil e um medios de herir la imaginacion del paciente » (69).

Os povos da Terra do Fogo, os Fuegios chamados, são os Eskimós do Sul.

Vivem nos confins meridionaes dos gelos americanos. O seu estado de civilisação é o mais baixo; e muito se approxima d'aquelle que achámos nos gelos arcticos, embora seja ainda menos elevado.

A medicina começa apenas; é exercida pelas velhas.

Os Guayacurús que comprehendiam, entre outros, os Tobas, dos rios Pilcomayo, Paraguay e Paraná, e os Payaguas, soccorriam as mulheres em trabalho de modo singular; sobre a cabeça da paciente faziam suas amigas soar os maracás; e, quando já terminado o parto, dispunham-se em duas alas desde a cabana até o rio proximo; por este caminho passava a parturiente em busca do banho usual.

Uma cerimonia estranha praticavam no mez de Junho: laceravam o corpo á chibata, e besuntavam o rosto com sangue tirado da propria lingua.

69) Pi y Margall — Historia de America. Vol. I, pag. 521,

Azara ouviu contar pelos Payaguas que esse uso valia apenas por uma pratica de hygiene moral: era para robustecer o animo, tornar o corpo mais docil á magua, e o espirito mais refractario ao soffrimento. Os medicos, diz Azara, espantavam a molestia com berros atroadores e sons estranhos tirados de uma cabaça.

Os Tobas consideravam-se viuvos si as esposas engravidavam; e não nas procuravam por dois ou mais annos. Talvez isso fizesse nascer o costume abortivo que era grandemente usado entre ellas.

Deitava-se a mulher gravida em decubitus dorsalis; e uma pessoa amiga dava-lhe, sobre o ventre gravido, pancadas bastantes para provocar as contracções do utero.

Os povos americanos que nos faltam visitar escalam-se pela porção norte-oriental da America do Sul.

São as tribus do Brasil e das Guyanas.

Tinham ellas certo cunho de uniformidade quanto ás practicas que nos interessam; isso devido ao estado de evolução social em que se achavam, commum á todas.

Simam de Vasconcellos no livro I das *Noticias antecedentes sobre as cousas do Brasil*, diz, á pagina 87:

« Em suas curas rise esta gente de medicamentos compostos: só nos simples dos campos tem sua confiança, & estes lhes ensinou a natureza, & o uso, como a arte aos melhores medicos.

Cada qual he medico de si, & dos seus; & applicão com grande destreza os remedios, assi interiores, como exteriores, especialmente contra-venenos. Nos enchimentos evacuação o sangue chupãdoo á força por entremeio de certos cabacinhos, ou sarjando o corpo, ou rasgando tambem as veias com um dente de peixe, que serve de lanceta. Ditoso he o que sára com estes

remédios: porque em chegando a desconfiar o medico de q' estes não bastão, convocão os parentes, & feito planto sobre o enfermo, lhe dão com hũa maça na cabeça, & o acabão, & feito em pedaços o fazẽ pasto de seus ventres: & tem por gloria, não só os parentes, mas tambem o que ha de morrer, que chegue a acabar com hũa acção de tanto valor, & por esta via se livre das miserias da vida, & vá gozar dos lugares alegres, que só se concedẽ na outra aos que morrerão valerosamente ».

O mesmo autor põe em relevo a consideração de que gozavam os Payés ou Caraybas, feiticeiros. Com auxilio de uma cabaça, em que figuram um rosto humano, predizem a sorte e curam as molestias.

No livro II das «Noticias curiosas das cousas do Brasil», á pag. 110, o padre Simam fala n'um caso de bruxaria bem semelhante aos que se contam no fakirismo indiano, onde a suggestão parece ser a unica força de effeito.

Ferdinand Denis, Lery, Hans Staden, Porto Seguro e a maioria dos autores, repetem esses mesmos dados que Mello Moraes cita na sua «Chorographia Historica».

O Padre João Daniel no seu *Thesouro descoberto no maximo do Rio das Amazonas* depois de entoar um cantico de rasgados elogios ao que elle chama «o gostoso e appetitoso picante da malagueta...» fala no uso do *ipadu*: folha de cóca que envolve um bolo de farinha e que os indios mastigam para matar a fome.

A — couvade — existia entre muitas tribus; e mesmo os viajantes allemães que nos tem visitado fazem d'essa pratica um caracter distinctivo das tribus do grupo Caraïba, que Martius incluía nos Tupis.

O cordão umbilical era cortado pelo choque de duas pedras; como se vê, uma verdadeira angiotripsia. Quando o doente soffria as condições tristes da incurabilidade reuniam-se junto a elle seus parentes; choravam e se despediam antes que uma

clava piedosa livrasse o soffredor do seu mal cruciante tirando-lhe a vida e lhe dando a entrada na região das eternas delicias. Mas n'esse paiz sonhado não entrava quem tivesse o corpo roido pelos vermes da terra; por isso os bons parentes comiam, conscienciosamente, o enfermo caridosamente trucidado.

Um mal á que muito sujeitos se achavam os selvagens, e os nossos especialmente, é a nostalgia. Os viajantes, todos, d'isso falam; e o Dr. Mello Moraes Filho cita alguns casos na Revista da Exposição Antropologica Brasileira. O apego, que o regimen fetichico tanto desenvolve, é a base d'esse mal da saudade que as vezes mata quem se separa da patria.

Para terminar a informação relativa ás tribus brasileiras pedi ao nosso patricio, o Dr. Barbosa Rodrigues, as notas que havia colhido em suas visitas a alguns dos nossos selvagens.

O distincto director do Jardim Botanico assim respondeu aos quesitos que me autorizou a formular:

« I. — Em geral a pratica medica em todas as tribus é a mesma.

« II. — O medico em geral é o payé ou pagé, que reune em si as qualidades de medico, adivinho, e de sacerdote das praticas religiosas.

« III. — A posição de payé em uma tribu é hereditaria, e a sua pratica é o conjunto da pratica e das observações dos seus antepassados, que passam de paes á filhos. Desde criança os filhos são iniciados no officio para substituirem os paes pela sua morte. A pratica é toda secreta, e ninguem, pelo respeito que tem ao payé; procura entrar nos seus mysterios.

« IV. — Não possuem conhecimentos anatomicos ou physiologicos coordenados, mas pelos symptomas que apresenta o doente conhecem mais ou menos o or-

gão affectado; conhecem todos os órgãos internos, sabem a sua posição relativa e lhes dão nomes apropriados.

« V. — Quanto á causa das molestias, algumas tribus attribuem á feitiço, porém outras as tem por naturaes.

« VI. — As molestias internas são tratadas com beberagens, banhos e sangrias. Purgativos, emeticos, emmenagogos, sudorificos, etc., para o que possuem plantas com uteis qualidades especificas. Nas febres empregam antes um emetico e depois a quina. Para combater o excesso da quina empregam outras plantas.

« VII. — Os cuidados empregados (para com o doente) são os resguardos e jejuns.

« VIII. — O parto é feito de pé, approximando a mulher as mãos á alguma trave ou galho de arvore para poder empregar a força expulsiva. Chamo particularmente a attenção para o seguinte facto, não conhecido, e do qual já tratei na minha *Pacificação dos Crichanás*: Os partos são os vulgarmente chamados seccos. Rota a bolça das aguas é o feto expellido com estas, sendo depositada a creança no chão ou nas mãos de alguma mulher velha. Logo após a expulsão do feto, por um novo esforço é expellida a placenta. Depois da queda d'esta, a propria mãe com uma faca de taquara ou com os dentes da piranha (peixe), corta o cordão umbilical, e o liga com linhas de fibras vegetaes ou fios de algodão. Praticado esse acto toma a parturiente a posição primitiva e fazendo grandes esforços provoca uma hemorrhagia. Passada esta toma a criança nos braços e com esta vae a fonte ou ao rio mais proximo e ahi banham-se.

« De volta não tem resguardo algum.

« Vae para o trabalho e está por assim dizer apta para nova concepção; não tem absolutamente corrimento lochial.

« O corrimento lochial que a sciencia tem como uma consequencia natural e normal depois do parto, não o é. E' uma molestia produzida pela civilização, pelos alimentos, pelos habitos e que se transmite pela hereditariedade. O somno fora das horas marcadas pela natureza, os alimentos quentes e adubados, o uso dos espartilhos, a respiração n'uma athmosphera viciada das cidades e dos salões. etc. etc., tudo concorre para que a mulher civilizada se differencie da selvagem, que se deita e se levanta com o sol, respira sempre n'uma athmosphera pura, não se aperta, vive núa, alimenta-se de comidas frias e fructas, e faz exercicios. Segue a lei natural dos animaes. Não ha uma só mulher selvagem que tenha lochios.

« IX. — O tratamento do cordão umbelical é feito sempre com o oleo de copahiba frio ou quente, que é o especifico para esse caso. As comadres e os velhos medicos parteiros sempre usaram a copahiba como cicatrizante e quando o empregavam ignoravam a sua melhor virtude. Era empregado empiricamente pela tradição e por encontrarem sempre os melhores resultados. Agora, que a sciencia moderna, por ignorar, repelliu a copahyba, é que o factó é desconhecido entre a mestrança medica.

« Na ignorancia de outra virtude da copahyba sempre o tiveram e tem como cicatrizante, quando essa não é a sua melhor virtude. Quando o indio emprega a copahyba é como cicatrizante, mas principalmente, como anti-tetanico poderoso. O seu emprego faz com que

não seja conhecido entre os selvagens o tetano dos recém-nascidos ou mal de sete dias.

« A criança tratada pela copahyba, nunca terá tetano, e o adulto, quando o apanhe será logo curado com o oleo d'essa leguminosa.

« X.—Não ha parteiras especialistas. A parturiente em geral foge da moloca e occulta-se das vistas de todos para ter o seu parto só. Quando se apresenta a familia é com o filho, indo o pae por espaço de 30 dias para o resguardo, a couvade dos francezes.

« XI.—Os instrumentos para a sangria são os dentes do peixe piráyauara e os de piranha. São inseparaveis esses instrumentos, e logo que sentem qualquer dôr sangram-se na parte affectada, fazendo incisões.

« XII e XIII.— Nunca vi praticarem amputações. As fracturas, tratam por meio de talas, cobrindo as ataduras com argilla molhada.

« XIV.— Nunca vi praticarem operações chirurgicas a não ser extracção de espinhos, o que fazem servindo-se de espinhos ou de faquinhas de taquara aguçadas.

« XV.— Nos ritos fetichistas curativos empregam em geral a fumaça de grandes cigarros, que ás baforadas lançam sobre o patiente. O maracá é usado de concumitancia com o fumo. O emprego dos bugios, das pontas de chifre, etc. é africano.

« Eis o que rapidamente posso informar, respondendo a todos os quesitos. — J. BARBOSA RODRIGUES ».

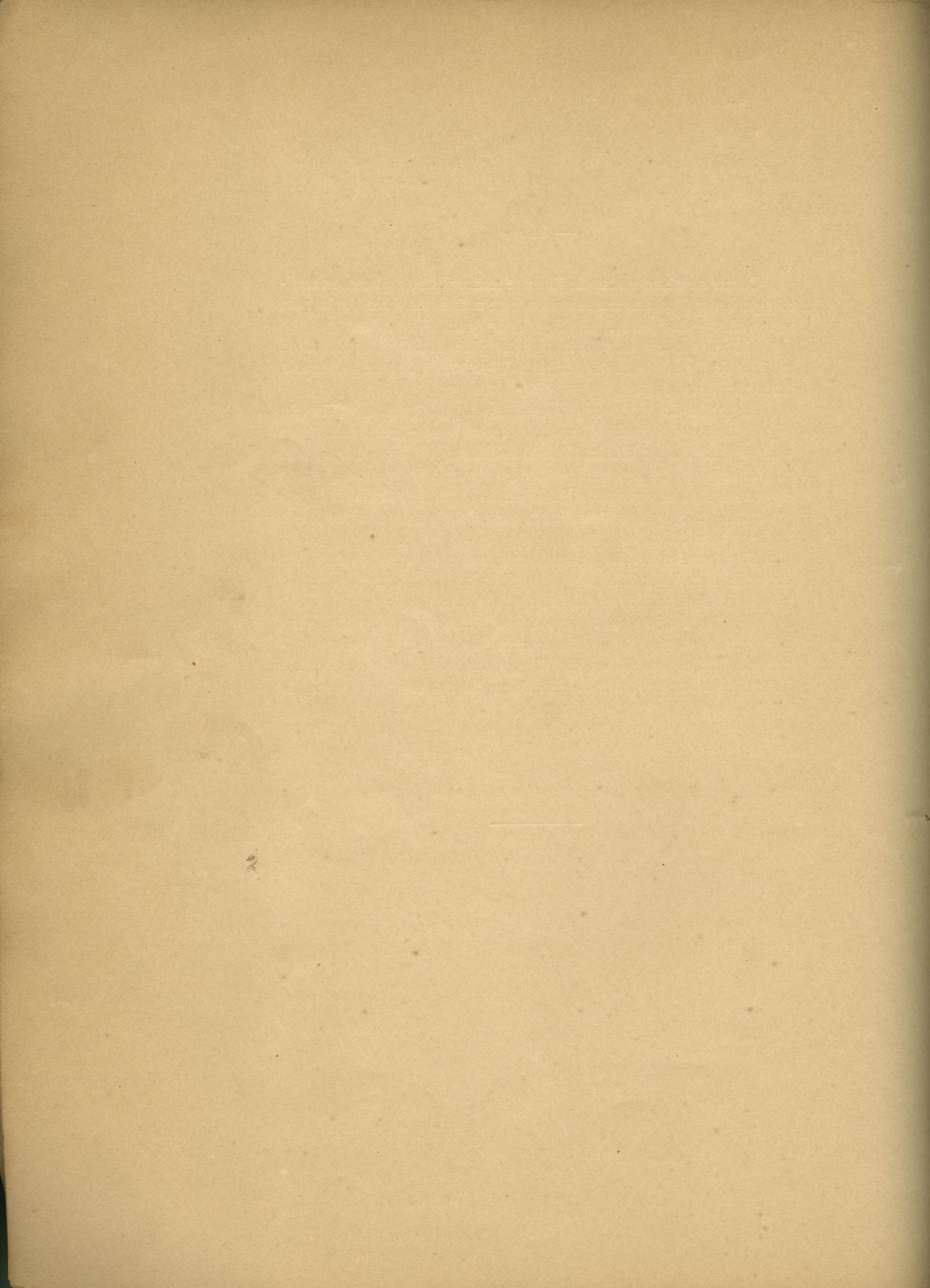
Como se vê, as notas do illustre naturalista, a quem eu muito agradeço' fóra das apreciações que reflectem idea toda sua, modo de ver individual, são dignas de grande interesse.

Môrmente as suas duas observações, relativas ao parto da mulher indigena e ao tratamento do tetano, devem merecer a attenção dos clinicos.

A acção do meio explica, de sobra, qualquer modificação physiologica do parto. E, quanto ao segundo factó, seria bem util verificá-lo na clinica dos civilisados; porque o tetano tem zombado dos medicamentos, indigenas ou não, que se lhe tem opposto. Desde o curare até a injeccão intravenosa de collargol ou sublimado, passando pela chimera do sôro, a therapeutica a tudo se tem attirado.

Si um meio tão simples tem, realmente, como eu estou perto de acreditar pela affirmativa do sabio brasileiro, vantagem tão alta, digam os clinicos; ahí fica a menção.

Na hora actual bem se póde applicar á medicina as aureas palavras com que G. Verdi aplacava o ardor dos jovens musicos da Italia, que pediam ao Wagnerianismo mais do que este lhes podia dar: « Ritornate all'antico, e sará um progresso... »



II

SYNTHESE PHILOSOPHICA

O homem e a medicina.—Estado mental dos indigenas Americanos.—Evolução da medicina entre elles. Conclusões.

Si eu quizesse estudar um ponto de sociologia á maneira dos philosophos materialistas não dava á minha penna a tarefa de occupar agora a attenção de quem lê.

Para fazer o que o Dr. Letourneau chama a «Sociologia segundo a ethnographia» basta grupar os factos, n'um rol bem feito, e lançar essa moeda falsa scientifica á circulação dos estudiosos. Mais simples, menos trabalhoso, facilmente accessivel; mas inteiramente inutil.

Essa sociologia, apertada nos moldes de Spencer, faz lembrar as celebres *sciencias praticas* de que muita gente fala; e não é a que me appaixona. Porque d'ella não sei que venha, n'um apanhado geral e systhematico, a suspirada explicação dos phenomenos humanos.

Portanto não basta contar, com minucia relativa, os factos que se apprehende; o essencial é ver a lei que os une; como elles se succedem; que relação os liga.

Mas a apreciação do modo pelo qual certa sociedade evolue não pode seguir o caminho empirico que os materialistas apon-tam nas vacillantes incertazas de um trilho mal seguro. Elles não conhecem um guia que os possa conduzir á desejada conclusão; ignoram a ligação forçada dos factos; e o que, para a sociologia positiva, são estados da evolução de um phenomeno,

apanham como phenomenos differentes. D'ahi a falta de unidade, e de logica, que nos mostram.

N'essa heterogeneidade não se podem orientar; e então se apegam á descripção desordenada, de onde a unidade de concepção foge espavorida, sinão enxotada, por tão esteril processo. E tudo isso nasce da falsa posição que desejam dar ao homem. Pôl-o no quadro zoologico e chamal-o de simples animal; applicar-lhe as leis da animalidade apenas, é pratica infeliz.

O homem tem funcções animaes, como tem phenomenos de vegetalidade; mas a sua organização cerebral, que faz surgir tão intensamente os factos moraes, e dá á estes a predominancia, separa-o do resto da animalidade de maneira certa e firme. Não é a theologia que o escolhe á custa de uma alma imponderavel; é a physiologia que mostra o valor anatomico d'essa alma; e frisa as funcções moraes, marco de divisão entre a animalidade e a humanidade.

Este terceiro modo porque os seres vivos se apresentam só pôde ser estudado, com proveito, depois que a preparação biologica foi terminada pelos esforços de Bichat e Gall. Augusto Comte firmou-se no que o passado havia realisado e estabeleceu, nos fulgurações de seu genio, a sciencia da humanidade—a sociologia. São os principios d'esta que me vão guiar; mas é antes preciso dar o exacto valor á medicina para entender certas praticas obscuras que encontrámos entre os Americanos. A sociologia, para Augusto Comte, foi uma construcção de passagem, que lhe permittiu chegar ao estudo do homem individualisado. Isso não lhe foi difficil; e, nas bases de que dispunha, estabeleceu o philosopho de Montpellier a sciencia do homem—a moral.

A medicina dilue-se n'ella; porque não é logico entregar, ao medico, parte do estudo do homem e guardar, para o philosopho, outra parte d'elle.

Por isso a medicina é uma arte; cuja sciencia, relativa e indispensavel, é a moral. Essa unidade é desmenbrada no tempo anarchico de hoje; o padre e o medico tratam, cada um de seu lado, da alma e do corpo; como si fosse possivel separal-os, peças metallicas de um mecanismo physico, limal-as e re-unil-as depois! Os doutores indigenas, veremos, sabiam empiricamente manter essa unidade. Eram mais justos que esses, que a nossa civilização distingue, e que apenas cuidam do que o homem tem de vegetal e animal; deixando cegamente, o que elle tem de *humano*.

Os povos indigenas Americanos achavam-se ou acham-se em pleno estado ficticio. No fetichismo vivia grande numero; e muitas tribus nos primeiros gráus d'esse estado. O sacerdocio existia na maioria; porque esta já era astrolatra e este marco da evolução mental favorece a instituição da classe contemplativa que representa o mediano entre o povo e os seus idolos celestes.

Os Americanos mais avançaram; não se detiveram na astrolatria. E o polytheismo foi mesmo alcançado pelos povos do Mexico e do Perú.

Até a dissociação do polytheismo, como a estabeleceu Augusto Comte, não fez falta; e vem mostrar quanto é certa e infalível a concepção philosophica d'esse genio.

O polytheismo conservador parece ter tido existencia curta; elle se esteia sobre a herança das profissões e sobre a prepouderancia da classe sacerdotal. Foi o estado em que os hespanhoes acharam o Imperio dos Incas: uma verdadeira theocracia, que não entanto evoluía para o polytheismo progressivo, no seu modo intellectual, como bem mostra o surto scientifico que no Perú achámos. Os Mexicanos, levados por condições de meio e de exagerada proliferação, entregaram-se facilmente ao segundo modo do polytheismo progressivo, o social.

E' bem sabida a indole guerreira e conquistadora dos povos que formaram depois o imperio de Moctezuma.

Dos gráus scientificos, que a admiravel gerarchia positiva estabelece, apenas os dois primeiros foram alcançados pelos Americanos.

A mathematica, nas suas mais simples construcções, estendeu-se por todo o continente; e a astronomia foi abordada n'uma restricta porção d'elle.

Assim faltaram os gráus cosmologicos restantes; e, sem a noção physico-chimica preparatoria, não seria possivel aos cerebros indigenas a justa apreciação dos factos vitaes. Por isso a noção biologica não surgiu de facto.

Si a biologia não pôde apparecer, pela hostilidade do meio cerebral, menos ainda puderam ser apanhados os phenomenos sociaes.

Alguns factos moraes, pela predominancia de sentimento que n'elles existe, foram accidentalmente adquiridos; tanto mais que os primeiros marcos da evolução humana são extraordinariamente aptos a desenvolver as faculdades affectivas.

Tudo começa pelo coração. E isso nos importa bem saber; para o exame philosophico, que á largos traços, vou esboçar da evolução da medicina.

Nas primeiras sombras do primeiro estado, quando o povo ainda vagueia nomade e incerto, e a promiscuidade apenas esboçou, de leve, a sublime instituição da familia, a arte medica não podia nascer. As condições de inferioridade organica dos enfermos faziam d'elles trambolhos incommodos, difficeis de conduzir, no peregrinar constante das hordas nomades. De outro lado, e com razão maior, o egoismo domina os instinctos sociaes n'esse periodo tenebroso em que a incerteza do viver faz cada cerebro cuidar do seu corpo com affinco quasi exclusivo. O enfermo é

então naturalmente abandonado á sua propria resistencia e á seus proprios esforços; mas, dos instinctos egoistas, alguns velam pelos fracos, ainda assim. A mãe cuida já do filhinho; embora não tanto que muitas vezes o não mate; o homem ajuda a mulher predilecta, guiado pelo instincto sexual, antes que tenha podido surgir o apego.

Em algumas almas de escolha a bondade apparece; com ella os outros dois instinctos sociaes.

São essas as primeiras vozes da medicina. Quando o meio é hostil, ella custa; seu primeiro signal é negativo, porque é assassina até. Depois o altruismo se desenvolve; então já se pensa no doente, mesmo que seja apenas para ajudal-o á morrer, ou para mandal-o ao lugar das delicias; elle, a quem já custa supportar a injuria dos annos, ou magoa de um triste viver.

Quando o fetichismo se firma, a profunda aptidão d'esse estado á desenvolver os instinctos sympathicos, fornece, á evolução da arte medica, inquebrantaveis alicerces. A medicina acha assim um meio de facil expansão; e como, n'esse periodo de evolução, o maior dos motores affectivos, a bondade, apparece francamente, é ella que vae servir de arrimo á recém nascida instituição medica.

Mas a bondade é geral, existe em cada cerebro; por isso á função medica não é então especializada.

Si ella se apoia, apenas, n'esse sentimento, não póde ser privativamente exercida por uns tantos; é accessivel á todos.

A mulher porém, pelas qualidades sublimes de coração que seu cerebro-privilegiado possui, acha-se naturalmente indicada para o mister de curar, quando esse nada mais é sinão um exercicio de caridade.

Com o estabelecimento da familia o velho reparte com o sexo affectivo esse trabalho de tratar doentes levando, ao coração feminino, as noções de conselho; e ninguem mais apto á acon-

selhar. Quem viu passar o tempo, e com elle os multiplos incidentes que a vida traz ao homem, deve ter algum conhecimento da maneira de os evitar.

Do velho ao sacerdote o passo é curto: o sacerdote é conselheiro. O marco final do fetichismo, consolida o sacerdocio, ou mesmo fal-o nascer, quando, diz Augusto Comte, os astros se tornam os fetiches principaes. Inaccessiveis, estes, suscitam uma classe de iniciados capazes de pol-os em relação com o povo; o sacerdocio se estabelece pois na astrolatria.

Ora, estes fetiches, deuses que são, influem directamente sobre a vida humana; causam e curam males e dores.

E como ninguem mais que o sacerdote pôde falar aos astros, para pedir a saude do enfermo, elle ganha naturalmente a função medica, que as mulheres aos poucos abandonam. A veneração, que appareceu com a familia e o velho, firma-se com o sacerdocio; e é um grande elemento medico, pelas reacções suggestivas que dá origem, e que se ajuntam efficazmente aos phenomenos sympathicos cerebraes, que a crença astrologica provoca por intermedio dos ritos. Assim o sacerdocio applica, ainda que empiricamente, dados moraes, no tratamento das molestias. Reconhece, sem d'isso saber, a acção soberana do encephalo na regularisação dos phenomenos que por excesso ou falta produzem a molestia.

O espirito, enquanto isso, vae-se exercitando na experiencia de cada dia; a sciencia assim desponta. A caça desvenda certos detalhes de organisação anatomica; e mesmo, de factos physiologicos, como a circulação sanguinea. A observação e a comparação fazem nascer a therapeutica physica.

Nos povos Americanos em que o regimem polytheista appareceu o nosso exame torna-se mais difficil; porque o momento historico da conquista coincidia com o justo periodo de tran-

sição entre as duas modalidades classicas do estado polytheico —o conservador e o progressista.

Nem o Perú, nem o Mexico, estava sob plena vigencia de um d'esses modos; soffriam a transição de um para outro.

Sempre é possível ver que o polytheismo conservador, que deu na America a theocracia Incasica, embora confundisse os dois poderes, libertou do sacerdocio a função medica, que foi parar ás mãos dos scientistas. O espirito chamou á si a arte de curar; ainda assim não foi desconhecido o valor das reacções affectivas. E as praticas que eu descrevi bem firmam essa verdade.

Só até ahi chegaram os indigenas das terras da America; e, para não sahir do meu roteiro, só até ahi devo eu tambem chegar.

Do exame summario e essencial que venho fazendo das partes que narrei, á luz brilhante da doutrina positiva, nascem conclusões:

I

No começo do periodo fetichico, inicial da evolução humana, a medicina é exercida por todos os individuos e especialmente pelas mulheres; porque ella nasce com a bondade, que não é privilegio de ninguem.

II

Especialisa-se, durante a astrolatria, na classe contemplativa; porque o sacerdote une o coração, que fala ao sentimento, ao espirito, que se dirige a razão; e representa o meio unico de que o povo dispõe para pedir saude aos deuses celestes e inacessiveis.

III

Nos estados polytheicos a função medica se separa do sacerdote e vae constituir uma classe de côr scientifica cuja actividade, contudo, se subordina ás decisões dos chefes espirituaes.

IV

O homem, nos primeiros marcos de sua evolução mental, apanhou empiricamente o valor das reacções cerebraes; e as empregou, desde então, no mister sublime de alliviar quem soffre.

Proposições

Proposições

HISTORIA NATURAL, MEDICA

I

Os phenomenos de digestão externa, attribuidos ás plantas chamadas *carnívoras*, não se achão ainda logicamente demonstrados.

II

Os caracteres embryogenicos não podem servir de base á classificação animal.

III

A instabilidade das substancias constituintes do protoplasma exige que se reduza ao minimo o emprego das reativos microchimicos nas investigações histologicas afim de que não se tome, como caracter de estructura normal, o que muitas vezes não passa de uma alteração por elles provocada.

CHIMICA MEDICA

I

A chimica tem contribuido grandemente para o augmento do arsenal pharmacotherapico.

II

Os factos têm mostrado que muitas substancias, por um instante levantadas ao uso soberano, não se puderam manter n'essa altitude; e, na sua queda, só deixaram as tristes lembranças dos maleficios que fizeram.

III

A inclusão de um novo corpo na therapeutica deve ser attendida com a maxima reserva.

ANATOMIA DESCRIPTIVA

I

A representação graphica é um recurso inestimavel no estudo da anatomia.

II

« As melhores palavras não valem os menores exemplos ». (Bacon).

III

As descripções micrologicas esmagam os conhecimentos uteis com o peso dos minucias estereis.

HISTOLOGIA

I

Tão facil é ser microscopista quanto é difficil ser microbiologista.

II

Não basta ver; é preciso saber vêr.

III

Para não ir alem, nem deixar-se aquem do que se vê.

PHYSIOLOGIA

I

A alma — é o conjunto das funcções do encephalo. (Gall, Cabanis).

II

As chamadas *faculdades da alma* nada mais são que funcções cerebraes independentes. (A. Comte).

III

A verdadeira psychologia scientifica repousa n'essa noção.

BACTERIOLOGIA

I

Si a bacteriologia pretende estudar os seres microscopicos, como animaes ou vegetaes, deve desaparecer do ensino porque ahi já existe a historia natural.

II

Si os pretende estudar, como causas morbidas, deve sumir tambem; em proveito da clinica e da hygiene.

III

O methodo scientifico verdadeiro não permite separar qualidades de um todo para estudal-o; é o que faz a bacteriologia que, no estudo da molestia, trata do microbio e deixa o doente.

MATERIA MEDICA-PHARMACOLOGIA
E ARTE DE FORMULAR

I

As propriedades physicas e organolepticas do medicamento receitado devem merecer grande attenção do medico.

II

Um bom remedio deve ser um remedio bom.

III

Assim se aproveita, no sentido de melhorar as condições do enfermo, as impressões sobre o moral obtidas por intermedio dos sentidos.

ANATOMIA E PHYSIOLOGIA PATHOLOGICAS

I

A localisação da memoria da articulaçào phonica (Broca), demonstrada pela anatomia pathologica, veio trazer uma prova objectiva da concepção abstracta das funcções do cerebro.

II

Assim, a anatomia pathologica pode chegar á uteis resultados, guiada pelas noções que a observação tenha apanhado.

III

Por isso, a necropsia clinica pode tornar-se um excellente meio de indagação, conduzida por um observador de escolha, que tenha seguido a marcha funcional do organismo examinado.

PATHOLOGIA MEDICA

I

Não é logico estudar a molestia, typo abstracto, quando se repete, á cada hora, que *não ha molestias e sim doentes*.

II

O estudo theorico da pathologia seria util si existissem leis que regulassem as combinações que ella se propõe analysar.

III

A etiologia não pode offerecer base seria ao estudo das molestias.

PATHOLOGIA CIRURGICA

I

A divisão da pathologia em medica e cirurgia é arbitraria.

II

Não pode ser logicamente admittida.

III

Médica ou cirurgica é a therapeutica; e não o processo morbido.

ANATOMIA MEDICO CIRURGICA

I

A anatomia applicada, base de toda a clinica, é de indispensavel conhecimento para o medico.

II

Ella deve absorver, n'um fim de grande utilidade, a chamada anatomia descriptiva.

III

O tratado de anatomia applicada do immortal Tillaux deve ser o *breviario* dos cirurgiões.

OPERAÇÕES E APPARELHOS

I

As operações cirurgicas praticadas no morto muito pouco se parecem com as intervenções clinicas.

II

Acostumando o operador a uma certa facilidade de execução ellas lhe preparam surpresas para a vida clinica.

III

A difficuldade maior nos actos cirurgicos está na apreciação das indicações.

THERAPEUTICA

I

A therapeutica pathogenica é unica scientifica.

II

Porque abandona a *causa* e trata do *processo*.

III

A pratica mostra ser essa a doutrina verdadeira.

OBSTETRICIA

I

A obstetricia é uma arte.

II

As artes se aprendem nas lidas da pratica.

III

Por isso nada vale a coordenação theorica sem a observação obstetrica immediata.

HYGIENE

I

A diffusão do ensino diminue, ou faz desaparecer, a necessidade da direcção hygienica systematica.

II

A hygiene publica não comprehende apenas o saneamento das coisas.

III

Infelizmente ella se não soccorre, como deve, da sociologia e da moral.

MEDICINA LEGAL, E TOXICOLOGIA

I

A liberdade professional é da mais insophismavel necessidade.

II

O procedimento particular de cada um dos diplomados deve ser a unica base do privilegio de curar.

III

Respeitando o pudor feminil, e poupando vevames ao paciente, o methodo dactyloscopico sobrepuja outro qualqner systema de identificação.

CLINICA PROPEDEUTICA

I

A pesquisa apurada dos pequenos signaes tem atravancado a propedeutica com um enorme, e quasi sempre inutil, instrumental.

II

Quando o exame clinico, desapparelhado e meticuloso, não traz o diagnostico, raras vezes isso é conseguido pondo em contribuição os elementos d'esse instrumental.

III

Ha pequenos signaes que são grandes symptomas ; esses, a méra observação apanha independente de qualquer guia.

CLINICA DERMATOLOGICA-SYPHILIGRAPHICA

I

O aparelho cutaneo é séde de molestias typicas.

II

As condições de vida merecem toda a attencção do clinico no desvendar o diagnostico,

III

No affirmar a epicrisis ; e no estabelecer o tratamento.

CLINICA CIRURGICA

(1ª cadeira)

I

As manobras manuaes têm grande importancia em muitos actos cirurgicos.

II

A habilidade do cirurgião tem larga parte no tratamento das fracturas e luxações.

III

Mas a força muscular é muitas vezes de utilidade imprescindivel.

CLINICA CIRURGICA

(2ª cadeira)

I

O preparo do doente é, muitas vezes, mais importante que a propria operação.

II

A intervenção cirurgica deve-se limitar ao extrictamente necessario.

III

É ser excessivamente meditada; porque o organismo é essencialmente passivo ao bisturi, e o erro, por acaso commettido, não póde ser, muitas vezes, reparado.

CLINICA MEDICA

(1^a cadeira)

I

Symptomas alarmantes traduzem ás vezes, typos morbidos ligeiros.

II

Outras vezes uma discreta symptomatologia acompanha uma molestia grave.

III

No desvendar um e outro caso a pratica e o *tino medico* são de alta valia.

CLINICA MEDICA

(2^a cadeira)

I

Em certos casos a febre dá um grande elemento á descoberta do diagnostico.

II

Em outros ella dita o prognostico.

III

Muitas vezes ella, clinicamente, nada significa; é o caso mais embaraçoso.

CLINICA OPHTALMOLOGICA

I

Salvas as variações individuaes, o poder visual differe entre certos povos da mesma raça.

II

As condições do meio, (floresta, gelo, areia), causam essas ligeiras variantes,

III

Que ainda se manifestam na apreciação chromica dos objectos.

CLINICA PEDIATRICA

I

As difficuldades da clinica infantil são accrescidas pela affectividade necessaria ao trato dos doentesinhos.

II

A clinica cirurgica observa grandes variações em processos identicos evoluindo na creança e no adulto.

III

E' preciso ter nota d'isso para não prejudicar, por falta ou por excesso, os pequenos enfermos.

Roquette Pinto, Edgard
Ethnographia americana

Emprét.º	Assinatura	
20.10.49	Alfredo Azevedo	26 NOV

